

# Revista Adventista

Ano 76 · Nº 812 · €1,90

Janeiro 2015

## Os Outros Filhos de Abraão



**A ARQUEOLOGIA E A AUTORIDADE DA BÍBLIA**

A importância das últimas descobertas.

06



**NÃO FAZ SENTIDO**

O absurdo do sofrimento humano.

15



**NÃO SEJAMOS UMA IGREJA AMIGÁVEL**

Qual é o mal de se ser amigável?

22

# Escolhas saudáveis podem

# mudar a sua Vida!

## 1 Segredos de Bem-estar

A vida é feita de **escolhas**, algumas das quais com consequências duradouras. Escolher comprar um carro azul ou cinzento não irá mudar a sua vida.

Mas o que escolhe ter no seu **frigorífico**, fazer no seu **tempo livre** ou **pensar** dos seus vizinhos pode fazer uma diferença tremenda na sua **saúde** e **felicidade**. A nossa **constituição genética** só é responsável por uma **pequena** parte das nossas **doenças**. Logo, uma **vida saudável** e **feliz** relaciona-se muito com escolhas de **estilo de vida diárias**. Invista no **desenvolvimento** da sua saúde

**física, mental, social e espiritual** e irá deleitar-se com os **resultados**. Pode ser tão simples como **caminhar** regularmente, ser **grato**, **dormir** o suficiente ou **beber** mais água. **Escolha** **impulsionar** a sua **saúde**. ❤️

## Pode começar hoje!

[www.secretsofwellness.org](http://www.secretsofwellness.org)



IGREJA ADVENTISTA  
DO SÉTIMO DIA

150  
ANOS

DE PROMOÇÃO DA SAÚDE

health  
MINISTRIES  
INTER-EUROPEAN DIVISION - EUD



Valérie Dufour

Diretora dos Min. da Saúde – EUD  
Berna, Suíça

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

### Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock  
E-mail revista.adventista@pservir.pt

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

### Controlo de Assinantes

Paulo Santos  
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a  
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



22



## 16 Conexão impossível

Quando me deparei com este versículo – Provérbios 28:9 – pela primeira vez fiquei pensativo por algum tempo, perguntando a mim mesmo: Será que foi isto mesmo que Deus quis dizer?

BÍBLIA



## 26 A história de Annie Smith

Annie Rebekah Smith foi uma pioneira da fé Adventista.

HERANÇA ADVENTISTA



## 24

O que quis Jesus dizer quando afirmou que devemos ser "perfeitos"?

Como podem os seres humanos ser perfeitos como o Pai celestial é perfeito?

INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

## 04 A CONVERSÃO

EDITORIAL

## 05 MEMO

## 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 21 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

## 34 PLANO DE AÇÃO CONSOLIDADO 2015

## 06 A ARQUEOLOGIA E A AUTORIDADE DA BÍBLIA > ARQUEOLOGIA

Neste artigo, iremos rever alguns dos achados mais importantes realizados durante os últimos 25 anos por Arqueólogos no Médio Oriente, achados que muito contribuíram para a compreensão da Bíblia.

## 10 OS OUTROS FILHOS DE ABRAÃO > ARTIGO DE FUNDO

Esta é uma história sobre Deus e sobre o modo como Ele, nestes últimos dias, está a atrair Muçulmanos para Si, de modos nunca vistos.

## 15 NÃO FAZ SENTIDO > REFLEXÃO

Se o pudéssemos compreender, se fizesse sentido, se se ajustasse a algum plano lógico e racional, então o mal não seria tão mau, não seria tão trágico, porque serviria um propósito racional.

## 22 NÃO SEJAMOS UMA IGREJA AMIGÁVEL > EVANGELISMO

Embora seja agradável sermos amistosos com os nossos amigos de Igreja, temos de incluir as visitas na nossa confraternização.

## 28 AS CARTAS ÀS SETE IGREJAS: HISTÓRICAS OU PROFÉTICAS? > TEOLOGIA

Faz sentido a interpretação historicista de que as sete igrejas de Apocalipse representam todo o curso da história da Igreja dividido em sete períodos históricos?

## 33 A LONGA CAMINHADA PARA A LIBERDADE > ESPAÇO JUVENIL

Nelson Mandela foi um dos verdadeiros heróis do século XX.



# A Conversão

“**D**igo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lucas 15:7).

Creio que não só existe alegria no Céu quando um pecador se arrepende, confessa os seus pecados e aceita Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, mas também há alegria aqui na Terra e, mais propriamente, na Igreja.

Falar de conversão não é simples porque, apesar de ser uma escolha humana, é obrigatória para aqueles que viverão no reino eterno de Deus. Nas palavras de Jesus: “Necessário vos é nascer de novo” (João 3:7). Portanto, não há alternativas, não existe um outro caminho. Afinal, o que é a conversão e porque precisamos dela? O apóstolo Paulo lembra uma verdade fundamental para o processo da conversão: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23). O crente não pode andar separado de Deus, porque persiste em viver em pecado. Também é sabido que o pecador, por si mesmo, não pode alcançar a conversão. O profeta Jeremias lembra-nos uma grande verdade: “Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então podereis vós fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal” (Jeremias 13:23). Também a irmã White nos lembra de que a verdadeira conver-

são não é um sentimento que vai e vem. Ela escreveu: “Satanás induz as pessoas a pensarem que, por terem experimentado êxtase de sentimentos, estão convertidas. Mas a sua experiência não muda. Os seus atos são os mesmos que antes. A sua vida não demonstra bons frutos. Oram frequente e longamente, e constantemente se referem aos sentimentos que tiveram em tal e tal ocasião. Não vivem, porém, a vida nova. Estão iludidas. A sua experiência não vai além de sentimento. Edificam sobre a areia e, ao soprarem os ventos da adversidade, a sua casa é assolada” (MJ, 71). Não podemos restringir a conversão a um momento, a uma hora ou a um dia, a um mês ou a um ano. Conversão é um processo de vida, que durará até à nossa morte. Lembro as palavras de João em Apocalipse 2:10: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” É interessante o facto de passarmos a vida a conhecer os nossos pecados, mas temos dificuldades de ver em nós mesmos a verdadeira conversão. Acabamos por dizer como o apóstolo Paulo: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço” (Romanos 7:19). Eis a verdadeira conversão: “Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:5). E Paulo coloca a questão de uma outra maneira: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais

eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (Gálatas 2:20).

A verdadeira conversão ultrapassa a dimensão humana, vem pela presença do Espírito Santo na vida do novo crente. Lembro somente as palavras de Jesus, que demonstram o resultado de uma conversão diária: “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:20). Como também escreveu Ellen White: “Mas a religião que não é prática, não é genuína. A verdadeira conversão torna-nos estritamente honestos em nosso trato com os semelhantes. Tornamos-nos fiéis em nosso trabalho diário. Todo o sincero seguidor de Cristo demonstrará que a religião bíblica o habilita a usar os seus talentos no serviço do Mestre. Fazei-o como para o Senhor. Fazei-o alegremente e com dignidade de origem celestial. São os nobres princípios introduzidos no trabalho, que o tornam inteiramente aceitável à vista do Senhor” (MJ, 72).

O apelo que deixo é o de recordarmos as palavras que estão registadas em Atos 3:19: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor.”

· **Pr. António Rodrigues,**  
presidente da UPASD

## MEMO

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

#### janeiro

09-11	Fim de Semana de Reavivamento
10	Culto Nacional
24	Dia Especial da Liberdade Religiosa
24	Formação para a Escola Sabatina R. E. Norte e Centro
24	Formação do Diaconato R. E. Lisboa e Vale do Tejo
31	Formação para a Escola Sabatina R. E. Lisboa e Vale do Tejo

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

#### janeiro

05-09	Publicadora SerVir (PU)
12-16	União Italiana (IU)
19-23	Universidade Adventista de França (EUD)
26-30	União Suíça (SU)

#### fevereiro

02-06	Escritórios Nacionais da ADRA
09-13	Faculdade de Marienhöhe (EUD)
16-20	União Espanhola (EUD)
23-27	Seminário Teológico de Bogenhofen (AU)

ANTENA 1  RTP2 

### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

12/01	Segunda-feira
02/02	Segunda-feira
25/02	Quarta-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

07/12	Domingo
-------	---------

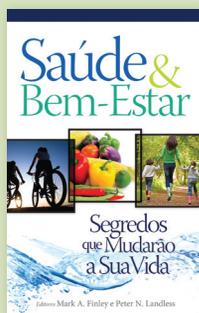


BANCO DE LEITURA

## Saúde e Bem-Estar

Mark Finley e Peter Landless

Este mês, o Banco de Leitura é dedicado à apresentação do Livro Missionário para 2015. Tendo como editores o pastor Mark Finley e o médico Peter Landless, o Livro Missionário intitula-se *Saúde e Bem-Estar* e procura apresentar segredos que mudarão a vida dos seus Leitores. Esta pequena obra, com cerca de cento e trinta páginas, tem onze interessantes capítulos, que procuram aconselhar o Leitor sobre mudanças de estilo de vida que levem à promoção de uma melhor saúde física, psíquica e espiritual. Desde o capítulo dedicado à avaliação dos riscos de saúde até ao capítulo



acerca do poder curador da fé, passando pelos capítulos destinados a aconselhar o Leitor sobre como ultrapassar a depressão ou as adições do álcool e do tabaco, este livro está escrito para informar e motivar os seus Leitores, de modo a que adiram a um estilo de vida mais saudável que promova uma maior longevidade. Assim, as dicas e os segredos contidos nesta pequena obra são os instrumentos que permitirão a promoção da saúde global de todos aqueles que a lerem. Dado que vamos ser chamados a distribuir este livro durante o mês de abril de 2015, seria bom que o pudéssemos ler antes de participar nessa distribuição massiva. Desse modo, estaremos mais capacitados para proceder à disseminação do livro na nossa comunidade, pois poderemos partilhar o valor da informação que contém com as pessoas que o receberão. Na verdade, ler este livro também nos ajudará a tomar consciência da riqueza inerente ao estilo de vida Adventista, pois é disso mesmo que ele trata. Assim, adquira e leia este interessante livro. Quando o adquirir para oferecer aos seus familiares, amigos, colegas e vizinhos, guarde um para si e faça dele o livro da sua mesa de cabeceira. Certamente não se arrependerá, pois os resultados de seguir as suas dicas serão mais saúde e mais bem-estar para si, e para os seus. ¶

**Paulo Lima,**  
Redator da Revista Adventista

QUERO   
2015 – ANO DA SAÚDE

CONSULTE O PLANO DE AÇÃO CONSOLIDADO 2015 EM  
[www.adventistas.org.pt/recursos/secretaria](http://www.adventistas.org.pt/recursos/secretaria)

# A Arqueologia e a autoridade da Bíblia

**E**m 1986, o Professor Gabriel Barkay estava a fazer uma nova e importante revelação sobre Ketef Hinnom, um cemitério a sudoeste de Jerusalém, onde foi descoberta a mais antiga inscrição bíblica. Juntamente com centenas de académicos especializados no Antigo Testamento, fiquei como que paralisado enquanto assistia à reunião da Organização Internacional para o Estudo do Antigo Testamento, no Museu de Israel, em Jerusalém. Duas pequeníssimas tiras de prata, muito enroladas e tendo a aparência de rolos em miniatura, tinham sido desenroladas. Elas continham inscrições gravadas com uma versão abreviada da bênção aaraónica (Números 6:24-26). Baseado no contexto arqueológico e no estilo da escrita, Barkay datou a inscrição como sendo do final do século VII ou do princípio do século VI a.C., isto é, 400 anos mais velha do que os *Manuscritos do Mar Morto*.

O silêncio na sala foi profundo, na medida em que muitos académicos críticos, que datam este texto em Números como sendo do século IV a.C., foram subitamente confrontados com novas provas. Técnicas de fotografia recentes e novas técnicas de visionamento computadorizado permitem datar conclusivamente os amuletos, atribuindo-lhes uma data anterior à conquista de Jerusalém pelos Babilónios, em 586 a.C.. Isto significa que os amuletos têm datas que são 150 anos anteriores à data que a erudição crítica atribui hipoteticamente ao manuscrito original do livro de Números, o que faz também da inscrição de Ketef Hinnom a mais antiga passagem bíblica descoberta até à data.<sup>1</sup> Esta foi a minha dramática introdução ao poder que a Arqueologia tem de desafiar as interpretações correntes da Bíblia.

Desde o alvorecer da investigação arqueológica no antigo Médio

Oriente, em 1799, nenhuma outra disciplina forneceu mais dados e mais informações acerca das nações, das pessoas e dos acontecimentos da Bíblia. As descobertas realizadas no século XIX têm-se multiplicado muitas vezes durante os últimos 150 anos da atividade dos Arqueólogos na terra da Bíblia, à medida que artefactos, cidades e registos antigos revelam a fidedignidade das Escrituras.<sup>2</sup> Neste artigo, iremos rever alguns dos achados mais importantes realizados durante os últimos 25 anos por Arqueólogos no Médio Oriente, achados que muito contribuíram para a compreensão da Bíblia.

## **Nações da Bíblia**

**Canaã.** A terra de Canaã foi grandemente iluminada em anos recentes através de escavações realizadas em locais importantes, tais como Hazor, a maior cidade cananea em Israel (veja Josué 11:10; Juízes 4:2). As escavações

modernas não apenas revelaram um local fortificado com mais de 80 hectares, mas as fontes textuais indicam também que esta cidade era a cidade situada mais a sudoeste de um sistema de comércio internacional que se estendia do Irão ao Mediterrâneo e que incluía outros centros urbanos como Babilónia, Mari e Qatna. Hazor é mencionada em presságios e listas geográficas de Babilónia<sup>3</sup> e nos textos de Mari. Dezasseis documentos cuneiformes foram descobertos no próprio local até agora, incluindo cartas administrativas e anais da corte.<sup>4</sup> A descoberta mais recente de um fragmento de um código legal foi realizada em 2010, na superfície do local escavado. Estes registos escritos atestam a função central e significativa que Hazor desempenhava na geopolítica da Canaã da Idade do Bronze.

**Filisteia.** As cidades filisteias de Asquelon, Asdod, Ecron e Gath foram escavadas extensivamente,

revelando uma cultura sofisticada expressa na Arquitetura, na Arte e na Tecnologia.<sup>5</sup> Em 1996, uma inscrição foi descoberta em Ecron, a qual revelava uma linha dinástica de cinco reis, incluindo Achish, o filho de Padi, que governou Ecron até à destruição da cidade por Nabocodonosor.<sup>6</sup> A Olaria decorada ao estilo Egeu, a Arquitetura elaborada e a Tecnologia destas cidades revelam que os Filisteus eram a elite na antiga terra de Canaã.

**Judá.** Mesmo numa era de ceticismo no que toca à historicidade de alguns dos mais famosos reis da Bíblia, como David e Salomão, novas descobertas apelam para a cautela entre aqueles que afirmam que o registo bíblico sobre o reino de Judá tem muito de mítico.<sup>7</sup> Novas escavações realizadas em Khirbet Queiyafa, desde 2007, pela Universidade Hebraica e pela Universidade Adventista do Sul revelaram uma maciça cidade fortificada que data da época de Saul e de David. Rodeada de

uma muralha duplamente fortificada com 200 000 toneladas de pedra, com evidências de um planeamento urbano, esta cidade militar estava situada no vale de Elah, vigiando a área onde teve lugar a famosa batalha entre David e Golias (I Samuel 17). A cidade é uma precursora de cidades judias posteriores com semelhante planeamento urbano. Em 2009, foi descoberta uma segunda porta fortificada, o que permite identificar Khirbet Qeiyafa como sendo a cidade bíblica de Shaaraim, mencionada na narrativa bíblica (I Samuel 17:52).<sup>8</sup> Isto tem implicações importantíssimas para a compreensão da história inicial de Judá e para a história do estabelecimento da monarquia unida.

### ***Pessoas da Bíblia***

A existência de, pelo menos, 70 personagens bíblicos, incluindo reis, servidores, escribas e cortesãos, foi confirmada ao longo dos dois últimos séculos de pesquisa.



Ruínas do palácio de Herodes, Masada.

Nas duas últimas décadas, muitas mais pessoas foram adicionadas a esta lista, através da descoberta de selos, impressões de selos, *ostraca* e inscrições monumentais.

**Baalis.** Em 1984, no sítio de Tall al-Umeiri, na Jordânia, os Arqueólogos desenterraram uma impressão de selo em barro com o nome de “Milkom'ur... servidor de Baalyasha”,<sup>9</sup> sem dúvida uma referência a Baalis, o rei do antigo reino de Ammon, mencionado em Jeremias 40:14. Este rei obscuro terá conspirado contra o rei de Judá quando se aproximava a destruição de Judá pelos Babilônios.

**David.** As escavações de 1993 em Tell Dan, a cidade bíblica mais ao norte, permitiram descobrir uma importante inscrição.<sup>10</sup> O relato de campanha feito por um rei Arameu mencionava pela primeira vez a “Casa de Israel” e a “Casa de David”, claramente uma referência ao reino sulista de Judá e ao mais famoso rei de Israel. David não apenas existiu, como era recordado um século mais tarde como sendo o fundador de uma grande dinastia.

**Herodes.** Os Arqueólogos escavaram os palácios luxuosos de Herodes, o Grande, situados em Cesareia Marítima, Heródium, Masada, Jericó e noutros locais. Herodes não poupou dinheiro para decorar estes edifícios com mosaicos detalhados, frescos e com toda a elegância arquitetónica. Em Masada, a fortaleza do deserto de Herodes, o palácio de três andares situado ao norte, tinha uma vista de quase 360 graus sobre o Mar Morto. Em 1996, escavei com Ehud Netzer em Masada, onde descobrimos um fragmento de uma ânfora de vinho importado. No fragmento estava uma inscrição: “*regi Herodi Iudaeico*” – “Para Herodes, rei da Judeia”. Era a primeira menção do título de Herodes, o Grande, fora do Novo

Testamento e da obra de Josefo e a primeira menção encontrada num contexto arqueológico.<sup>11</sup>

**Nebu-sarsekim.** Em 2007, um investigador no Museu Britânico decifrou uma inscrição de um registo financeiro referente a uma doação feita por um funcionário babilónio chamado Nebu-sarsekim. A inscrição está datada do décimo ano do reino do rei babilónio Nabucodonosor, isto é, por volta de 595 a.C. (II Reis 24:1-4; Daniel 1:1; 2:1). Este funcionário, Nebu-sarsekim, também é mencionado em Jeremias 39:3, 11-14, onde aparece no relato sobre a segunda campanha militar de Nabucodonosor contra Jerusalém, em 597 a.C.. No relato bíblico, mais de 10 000 cativos são levados para Babilónia, mas Nabucodonosor ordena a Nebu-sarsekim que tome conta de Jeremias, que é deixado para trás em Jerusalém. Esta menção de um personagem bíblico num registo financeiro de Babilónia indica a importância de uma pesquisa continuada na tradução de milhares de textos descobertos que se encontram em caves de museus e que nunca foram lidos ou publicados.<sup>12</sup>

### **Escrever os acontecimentos da Bíblia**

Os rolos do Mar Morto, descobertos por um pastor beduíno em 1947, foram uma das mais espantosas descobertas que testificam a favor da precisão da transmissão da Bíblia ao longo de 1000 anos de História. Nos anos mais recentes, os académicos têm questionado a amplitude da literacia no antigo Israel. Alguns académicos põem em questão a possibilidade de a escrita hebraica recuar até ao décimo século a.C., enquanto outros vão tão longe que chegam ao ponto de afirmar que o Hebreu foi uma invenção do período helenista, 700



anos mais tarde.<sup>13</sup> Nos últimos seis anos foram feitas várias descobertas que desafiam esta hipótese.

*Um abecedário do décimo século a.C.* Em 2005, uma antiga inscrição em pedra foi encontrada no sítio de Tel Zayit, escavada pelo Seminário Teológico de Pittsburgh. Nela estava um abecedário ou alfabeto com 18 letras, que foi datado, pela cerâmica associada e pelas outras evidências arqueológicas, como sendo do décimo século a.C., o tempo de Salomão ou do seu sucessor. O edifício em que se encontrava o abecedário fora destruído por um grande fogo, deixando na área destroços com quase um metro de espessura. Os Arqueólogos dataram a destruição deste edifício do tempo de Shishak (I Reis 14:25-28), ou talvez de outro agressor, em 925 a.C.. O abecedário de Tel Zayit é uma das mais antigas atestações conhecidas do alfabeto. Dado que ele foi encontrado num claro contexto arqueológico que data do século décimo a.C., o abecedário também fornece uma ligação distinta entre o desenvolvimento da linguagem no antigo Israel e as crescentes evidências arqueológicas de cidades e de edifícios do tempo da monarquia unida.<sup>14</sup>

*A mais antiga inscrição hebraica.* Durante as escavações da segunda

época, em 2008, em Khirbet Qeiyafa, um sítio no vale de Elah que já mencionamos, foi encontrado um texto escrito num pedaço partido de Olaria. O *ostrakon* consistia em cinco linhas separadas e começava com uma injunção: “Não façam...” A frase inicial só se encontra em Hebreu e levou Haggai Misgav, o epigrafista, a sugerir que a inscrição está em Hebreu.<sup>15</sup> Se isto for verdade, ela seria o texto hebreu mais antigo jamais descoberto: 800 anos mais velho do que os rolos do Mar Morto. Infelizmente, muito do resto do texto está incompleto devido à falta de letras e à presença de letras obscuras. Uma sugestão, embora muito especulativa, é a de que este texto foi escrito como uma injunção para a proteção de viúvas e de órfãos.<sup>16</sup> Como observou Gary A. Rendsburg: “Tomados em conjunto, o abecedário de Tel Zayit, a inscrição de Khirbet Qeiyafa e o calendário de Gezer demonstram que a escrita estava bem estabelecida no Israel do décimo século. Pelo menos de modo suficiente para que muitas das obras mais tarde incorporadas na Bíblia Hebraica tivessem sido compostas nesta época.”<sup>17</sup> A existência de escrita alfabética num período tão recuado da Idade do Ferro é significativa, porque implica que os dados históricos podiam ser documentados e transmitidos desde o início do século décimo a.C. até ao período em que a narrativa bíblica foi finalmente formulada por escrito. Isto também indica que a suposta escassez de provas da existência de escrita é menos real do que se tinha pensado até aqui.

### Conclusão

A Arqueologia permanece uma das disciplinas mais significativas no fornecimento de nova informação sobre o mundo da Bíblia.

Pode ser tentador para alguém perguntar: “E quanto a esta pessoa mencionada na Bíblia?” ou “Por que razão ainda não temos provas para este acontecimento descrito na Bíblia?”. Temos que nos lembrar de que, embora tenham passado mais de 200 anos desde que a Arqueologia foi estabelecida como disciplina no Médio Oriente, ainda mal arranhámos a superfície. Apenas uma fração dos sítios bíblicos são conhecidos. Daqueles que são conhecidos, apenas uma fração foi escavada. A maioria dos sítios escavados foi apenas escavado em cerca de 5%; e ainda menos sítios tiveram as suas descobertas publicadas. Dos sítios cujas escavações foram publicadas, nem tudo o que foi descoberto tem uma relação direta com a Bíblia. Por estas razões, precisamos de ser cautelosos na produção de afirmações negativas no que toca a acontecimentos da história bíblica. Uma coisa é certa: Graças ao apoio contínuo dado à pesquisa arqueológica nesta parte do mundo, os próximos cinco ou dez anos irão revelar mais descobertas que iluminarão, ilustrarão e, em alguns casos dramáticos, impactarão diretamente a nossa compreensão da Bíblia. ❖

### • Michael G. Hasel Arqueólogo

1. G. Barkay et al., “The Amulets From Ketef Hinnom: a New Edition and Evaluation”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 334, 2004, pp. 41-71; G. Barkay et al., “The Challenges of Ketef Hinnom: Using Advanced Technologies to Reclaim the Earliest Biblical Texts and Their Context”, *Near Eastern Archaeology* 66, nº 4, 2003, pp. 162-171.
2. Para uma panorâmica geral veja Al Hoerth, *Archaeology and the Old Testament*, Grand Rapids, MI: Baker, 1998; John McRay, *Archaeology and the New Testament*, Grand Rapids, MI: Baker, 2002; Clyde E. Fant e Mitchell G. Reddish, *Lost Treasures of the Bible*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008.
3. Wayne Horowitz, “Two Late Bronze Age Tablets From Azor”, *Israel Exploration Journal* 50, 2000, pp. 16-28.
4. Wayne Horowitz e Takayoshi Oshima, *Cuneiform in Canaan: Cuneiform sources From the Land of Israel in Ancient Times*, Jerusalem: Israel Exploration Society/ Hebrew University of Jerusalem, 2006, pp. 65-87.

5. Veja-se Trude Dothan, *The Philistines and Their Material Culture*, New Have, CT: Yale University Press, 1982; Trude Dothan e Moshe Dotan, *People of the Sea: The Search for the Philistines*, New York: Macmillan, 1992; Seymour Gitin, “Philistines in the Books of Kings” in *The Books of Kings: Sources, Composition, Historiography and Reception*, André Lemaire e Baruch Halpern (eds), Leiden: Brill, 2010, pp. 308 e 309.
6. Seymour Gitin, Trude Dothan e Joseph Naveh, “A Royal Dedicatory Inscription from Ecron”, *Israel Exploration Journal* 47, 1997, pp. 9-16.
7. Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition*, New York: Free Press, 2006; e mais recentemente, John van Seters, *The Biblical Saga of King David*, Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2009.
8. Yosef Garfinkel, Saar Ganor e Michael G. Hasel, “The Contribution of Khirbet Qeiyafa to Our Understanding of the Iron Age Period”, *Strata: Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society* 28, 2010, pp. 39-54; Yosef Garfinkel, Saar Ganor e Michael G. Hasel, “The Iron Age City of Khirbet Qeiyafa After Four Seasons of Excavation” in *The Ancient Near East in the 12th -10th Centuries BCE: Culture and History*, Gershon Galil (ed), Münster: Ugarit Verlag, a aparecer em breve. Michael G. Hasel, “New Excavations at Khirbet Qeiyafa and the Early History of Judah” in *Do Historical Matters Matter to Faith? A Critical Analysis to Modern and Postmodern Approaches to Scripture*, James K. Hoffmeier e Dennis R. Magary (eds), Wheaton, IL: Crossway, a aparecer em breve.
9. Randall W. Younker, “Israel, Judah and Ammon and the Motifs of the Baalis Seal From Tell el-'Umeiri”, *Biblical Archaeologist* 48, 1985, pp. 173-180.
10. Avraham Biran e Joseph Naveh, “An Aramaic Stele Fragment From Tel Dan”, *Israel Exploration Journal* 43, 1993, pp. 81-98; Fant e Reddish, *Lost Treasures of the Bible*, p. 103-106.
11. Michael G. Hasel, “He Missed the Opportunity of His Life”, *Adventist Review*, 9 de agosto de 2007, pp. 15-17.
12. A tradução oficial realizada por Michael Jursa sairá em breve. Provisoriamente, veja Bob Becking, “The Identity of Nabusharrussu-ukin, the Chamberlain: An Epigraphic Note on Jeremiah 39:3. With an Appendix on the Nebusaserkim Tablet”, *Biblische Notizen* 140, 2009, pp. 35-46.
13. Veja Finkelstein e Silberman, *David and Solomon*, p. 142; Philip R. Davies, “In Serch of 'Ancient Israel'”, Supplement, *Journal for the Study of the Old Testament* 148, 1992.
14. Ron E. Tappy et al., “An abecedar of the Tenth Century B.C.E. From the Judaen Shephelah”, *Buletin of the American Schools of Oriental Research* 344, 2006, pp. 5-46; Ron E. Tappy e P. Kyle McCarter (eds), *Literate Culture and Tenth-Century Canaan: The Tel Zayit Abecedar in Context*, Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008.
15. Haggai Misgav, Yosef Garfinkel e Saar Ganor, “The Khirbet Qeiyafa Ostrakon” in *New Studies in the Archaeology of Jerusalem and its Region*, D. Amit, G. D. Stiebel e O. Peleg-Barkat (eds), Jerusalem: Hebrew, 2008, pp.111-123; Haggai Misgav, Yosef Garfinkel e Saar Ganor, “The Ostrakon” in *Khirbet Qeiyafa, vol. 1, Excavation Report 2007-2008*, Yosef Garfinkel e Saar Ganor (eds), Jerusalem: Israel Exploration Society, 2009, pp. 243-257.
16. Gershon Galil, “The Hebrew Inscription From Khirbet Qeiyafa/Neta'im: Script, Language, Literature and History”, *Ugarit Forschungen* 41, 2009, pp. 193-242.
17. Gary A. Rendsburg, recensão crítica de *Literate Culture and Tenth-Century Canaan*, Ron E. Tappy e P. Kyle McCarter, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 359, 2010, p. 89.

# Os outros filhos *de* Abraão

---

**E**sta é uma história sobre Deus e sobre o modo como Ele, nestes últimos dias, está a atrair Muçulmanos para Si, de modos nunca vistos. Eu escrevo este artigo depois de ter testemunhado alguns vislumbres daquilo que se está a transformar no maior movimento de conversão a Jesus na história do Islão, dado que mais Muçulmanos se entregaram a Cristo nos últimos 10 anos do que nos 1400 anos anteriores!

Deus responde às orações dos Cristãos, mas será que Ele responde às orações daqueles que não O conhecem plenamente? Incluído no ADN do pai espiritual dos Muçulmanos está o compromisso de

Deus de ouvir e abençoar. “Que Ismael possa viver sob a tua bênção!”, exclamou Abraão em reverente prostração. Deus, que tinha dado à criança o nome hebreu que significa “Deus ouve”, respondeu: “E quanto a Ismael, também te tenho ouvido; eis aqui o tenho abençoado” (Gênesis 17:20).

E assim foi, não apenas para Ismael (que foi circuncidado nesse mesmo dia), mas também para aqueles que vieram depois dele.

### **O Homem de branco**

Amina era estéril. Cheia de vergonha e de tristeza, ela levou o assunto perante Deus. Como Ana, ela dedicou o fruto do seu ventre para o serviço de Deus e derramou a sua alma perante Aquele que tem poder para criar a vida a partir do nada. Ela lançou o seu apelo invocando a honra de Deus e a sua fidelidade passada; e os olhos do Senhor, que percorrem toda a Terra para fortalecer aqueles cujo coração se empenha pela fé, encontrou em Amina uma servidora aplicada (II Crônicas 16:9).

Faruqi recordou como a sua mãe, Amina, costumava dizer à família que o “Senhor Jesus” a estava a ensinar sobre o modo como devia educar o seu filho. Ninguém compreendia plenamente o que aquilo queria dizer, mas eles sabiam que Faruqi não era uma criança normal. Ele gastava muito tempo a ajudar aqueles que eram pobres. Ele era obediente e arguto em assuntos de fé.

Quando era jovem, Faruqi foi visitado nos seus sonhos pelo “Homem de branco”, que lhe disse que eles se iriam encontrar noutra cidade, longe da terra da sua

tribo. A viagem de três dias foi cansativa, mas não se comparou com o desapontamento que Faruqi sentiu ao chegar à grande cidade. Faruqi buscou sem sucesso em cada face os traços gentis que ele tinha visto no sonho, mas quando chegou ao fim dos seus poucos recursos, um estranho tocou-lhe no ombro e enviou-o para casa, para esperar pela Sua visita. Mais tarde o Homem de branco veio à cidade de Faruqi. Todas as noites, durante três meses, Ele instruiu Faruqi e outros sobre questões de fé.

Anos mais tarde, Faruqi tornou-se num respeitado reformador nacional que convidava os Muçulmanos a receberem *Isa al Masih* (Jesus, o Messias) quando Ele regressar e a respeitarem os Cristãos. Ele afirmou que não se deveria dar a *zakat* (a oferta) para qualquer outro propósito senão para ajudar os pobres.

Faruqi estava especialmente empenhado em respeitar o dia de Deus, que era o sinal de que se era *muttaqeen* (uma pessoa justa). Eu não posso contar com detalhe a sua história neste artigo, mas devo acrescentar que ele suportou espancamentos e perseguições por pregar sobre o Sábado e por convidar os Muçulmanos a guardarem o Sábado. Numa dessas ocasiões, o Homem de branco veio em pessoa tratar das lacerações de Faruqi num calabouço. Na manhã seguinte, Faruqi estava curado e as suas vestes estavam restauradas.

Anos mais tarde, Faruqi teve acesso a uma Bíblia pela primeira vez e compreendeu toda a amplitude daquilo que o Homem de branco lhe tinha dito. Quando o meu marido conheceu Faruqi, este

ergueu a Bíblia com mãos que tremiam, beijou-a e tocou com ela na frente. A vida de Jesus encantava-o. Ele desafiou o meu marido a viver pelo poder de Deus que habitava em Jesus. A última vez que eles se encontraram, apenas alguns meses antes da sua morte, Faruqi disse que a essência do que significava seguir Jesus se encontrava em Mateus 25:35. Enquanto o povo de Deus vivesse sem demonstrar misericórdia e compaixão, acreditava Faruqi, Jesus não regressaria.

Segundo o Corão: “Então fizemos os Nossos mensageiros seguir nas suas pegadas; e Nós fizemos Jesus, filho de Maria, vir em seguida e demos-lhe o Evangelho, e colocámos compaixão e misericórdia no coração daqueles que O seguíam” (57:27).

Ouvir contar o encontro de Faruqi com Jesus transformou a minha vida. Até ao dia da sua morte, Faruqi convidou pessoas para seguirem Jesus. Oito mil pessoas vieram ao seu funeral e centenas partilharam a história sobre como este homem lhes tinha mostrado um caminho melhor e lhes tinha apresentado a Bíblia.

Faruqi era um homem de grande influência. Ele amava a sua terra e morreria pelo seu povo, mas Faruqi era muito mais do que isso. Ele fez com que os membros da sua família prometessem que nunca deixariam o seu país em busca de uma vida mais fácil no estrangeiro.

Durante a sua vida, Faruqi teve frequentemente sonhos em que Jesus parecia falar-lhe. Ele obedientemente transmitiu essas mensagens aos seus filhos e à sua tribo. Hoje, existe um grande movimen-

to de seguidores de Jesus naquela região, e a chave para o seu crescimento é a Bíblia. Os movimentos que se centram em ensinamentos transi-tórios enfraquecem e morrem, ao contrário dos movimentos em que o povo é capacitado para investigar as Escrituras sob a orientação do Espírito Santo e vive segundo os seus valores e ensinamentos.

A maioria dos Muçulmanos está receptiva a explorar a vida, os ensinamentos e o poder de Jesus por causa do testemunho que existe no Corão.

### **Sobre o amor, a terra e o povo**

Em 2000, quando o meu marido e eu nos mudamos para um país muçulmano, mal sabíamos que esse era o início de uma espécie de “conversão” para nós. Mas ela não aconteceu quando chegamos. Tenho vergonha de o dizer, mas, passadas poucas semanas, eu estava pronta para regressar a casa, até uma noite em que o Senhor e eu tivemos uma “luta”.

Com lágrimas nos olhos, eu orei: “Senhor, eu não posso criar no meu coração o amor que não tenho. Posso fingir amar, mas rapidamente se saberá a verdade. Sem amor, para que estou eu aqui? Arranja uma forma de eu voltar para casa ou partilha comigo o tipo de amor que Tu tens por estas pessoas: Mostra-me como Tu amas; muda o meu coração.”

O Senhor tornou macio o meu coração. Ele abriu gradualmente os meus olhos para que eu visse as coisas a partir da Sua perspectiva e descobrisse as Suas pegadas no mundo muçulmano.

Nós, os Adventistas, temos a bênção de possuir uma moldura concetual que nos permite compreender a realidade, mas raramente nos debatemos com as implicações práticas do Grande Conflito. Tudo o que temos de fa-

zer é ler as notícias para vermos onde Satanás está a operar. Mas onde está a evidência da atividade divina? Como faz Deus para atrair as pessoas e as convidar para seguir Jesus? Como pode o Evangelho lançar raízes no solo local?

Nos meses que se seguiram à minha oração, eu alcancei um novo apreço por coisas que costumava rejeitar. Nós vivíamos perto de três mesquitas; desde as 4:30h da madrugada o *muezzin* cantava o apelo islâmico à oração (*adhan*): “Deus é grande. A oração é melhor do que o sono.” Durante essas primeiras horas da manhã eu orava na minha casa, juntando-me a milhões de Muçulmanos que buscavam Deus através da oração. Eu aprendi a interceder por aqueles que 17 vezes por dia oram “guiamos pelo caminho reto” (Corão 1:6), para que eles viessem a estar face a face com “o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6).

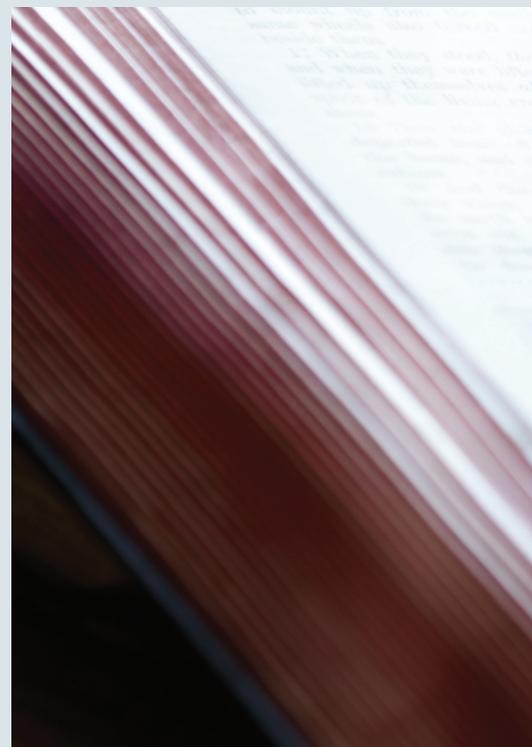
Olhando para trás, eu percebo que Deus tinha que abrir o meu coração, de modo a que os meus olhos pudessem discernir a Sua atuação em lugares inesperados. À medida que a nossa aprendizagem da língua avançava, apercebi-me do modo como a realidade de Deus moldava profundamente a mundividência dos Muçulmanos. Deus estava presente em todo o lado: Na saudação matinal (*Assalam Alaikum* – “a paz esteja contigo”), no cabeçalho de uma carta (*Bismillah arrahman arrahim* – “Em nome de Deus, o mais beneficente, o mais compassivo”) ou quando se selava um acordo de negócio (os parceiros apertavam as mãos e recitavam ambos, simultaneamente, o primeiro capítulo do Corão).

Se queríamos entender este contexto cultural, teríamos que nos aproximar dos Muçulmanos com um nível semelhante ou su-

perior de percepção da presença de Deus. Caso contrário, por que razão eles aceitariam algo que era inferior ao que já possuíam?

O meu marido tinha estado a orar sobre algo que revolucionaria a sua vida: “Senhor, conduz-me a Muçulmanos que são apaixonados pela sua terra e pelo seu povo, conduz-me a pessoas influentes, pessoas com quem o Espírito de Deus já está a trabalhar.” Ele passou horas a estudar o livro de Atos e a história da missão, buscando compreender o modo como Deus enviou 12 homens para mudar o mundo e buscando entender como Jesus exercia a Sua autoridade no mundo hoje.

Durante uma das nossas sessões de leitura vimos primeiro a importância da experiência que envolveu Pedro e Cornélio. Esta história não ocorrera apenas por causa de Cornélio (um homem que temia Deus mesmo antes de encontrar Pedro), mas ocorreu também para preparar Pedro para a sua função crucial de dar as boas-vindas aos seguidores gentios de Cristo anos mais tarde, no Concílio de Jerusalém (Atos 15).



“Deus, guia-nos a outros como Cornélio”, orámos.

Mais uma vez, Deus revelou-Se e deu-nos um novo sentimento de expectativa. Viver em expectativa significa aguardar a ação de Deus, que está a chamar aqueles que Lhe pertencem. O nosso papel? Cooperar com o Espírito Santo, não tentar controlá-l'O. Esta verdade tão simples trouxe-nos novamente a paz.

### **O testemunho de Deus a partir de dentro**

A resposta de Deus não foi uma epifania, mas assumiu a forma de uma carta de um homem idoso em busca de alguém para o conduzir mais além no caminho do discípulo. Desde os 12 anos, Abu Nabeel tinha encontros com *Isa al Masih* (Jesus, o Messias) e tinha decidido segui-l'O. Ele era ousado na sua devoção por Jesus e 70 pessoas da sua família alargada tinham-se juntado a ele. Alguns, temendo não encontrar alguém para os batizar, tinham-se submergido nas águas, desejando assim exprimir o seu amor pelo Mestre de acordo com a Sua Palavra.

Agora que era já idoso, Abu Nabeel sentiu a necessidade de comungar com outros, pelo que recebemos uma carta no nosso computador que ele tinha enviado para um editor de jornal, na esperança de encontrar um irmão na fé.

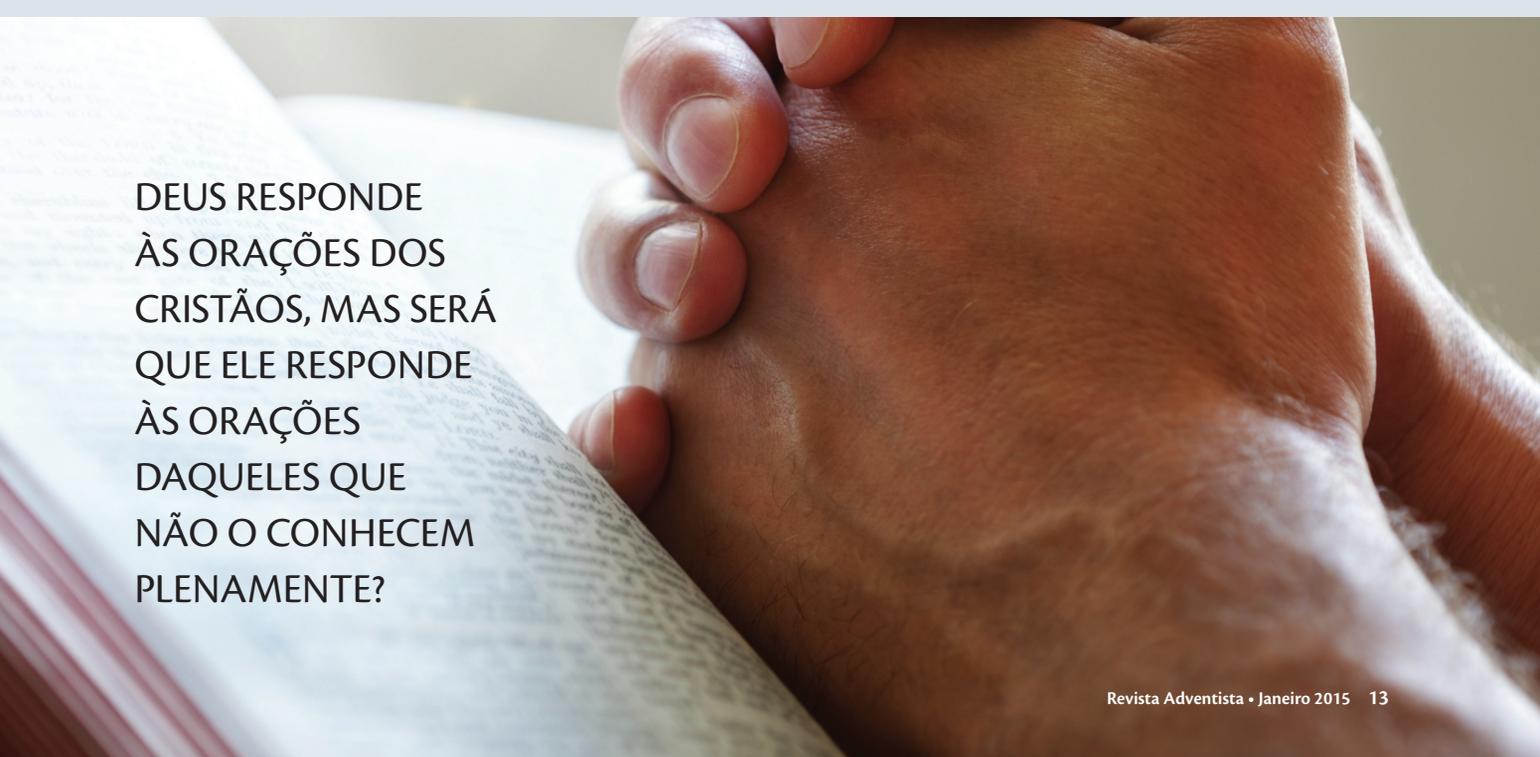
Antes mesmo de termos nascido, Deus estava já a operar, preparando o lar de Abu Nabeel para receber Jesus como Senhor e Salvador. Ao longo dos anos, o seu testemunho tinha-se espalhado por cinco outros países; isto tinha dado origem a mais pequenos grupos de seguidores de Jesus. Abu Nabeel amava Jesus com uma rara intensidade, que nascia do tempo que ele passava em oração. Que contente ele ficou quando encontrou um exemplar em Árabe do Evangelho de Lucas numa loja muçulmana (uma tradução com notas para leitores muçulmanos) e aprendeu as histórias sobre Aquele que era já seu amigo!

Conhecer Abu Nabeel era como estar em terra santa. Ele falava reverentemente sobre o seu Senhor, sobre os seus planos para levar a Boa-Nova ao coração do mundo muçulmano e sobre a urgência de

preparar o seu povo para se encontrar com *Isa al Masih* quando Ele regressasse. Mas ele também estava perturbado por um sonho que pesava no seu coração.

Durante vários meses antes de receber o sonho, Abu Nabeel esteve angustiado por causa da falta de espiritualidade do seu povo, por causa da politização da religião e por causa do modo como as tensões sectárias estavam a crescer na região. Enquanto seguidor de Jesus no âmbito de um contexto cultural muçulmano, Abu Nabeel sentiu a necessidade de levar as Bem-Aventuranças ao seu povo, de os ensinar sobre um reino que não pode ser criado por mãos humanas. Ele sabia que o seu povo tinha de conhecer Jesus.

As tensões políticas e económicas tinham alimentado novas ondas de fundamentalismo, pelo que Abu Nabeel buscou Deus em oração e com jejum para obter d'Ele orientação e esperança. Durante a noite, ele viu em sonho um cordeiro branco cuja brancura resplandecia, “um cordeiro como havendo sido morto”, que corria pelo deserto. A garganta de



DEUS RESPONDE  
ÀS ORAÇÕES DOS  
CRISTÃOS, MAS SERÁ  
QUE ELE RESPONDE  
ÀS ORAÇÕES  
DAQUELES QUE  
NÃO O CONHECEM  
PLENAMENTE?



do cordeiro jorrava sangue como uma “boca de incêndio” (são as palavras dele). E aonde quer que o sangue tocasse, a areia transformava-se em verdura luxuriante, dando origem a um oásis no deserto. Espantado, ele continuou a ver o cordeiro correr para lá e para cá. Ele ficou maravilhado perante o facto de que o sangue do cordeiro nunca cessava de manar.

Então Abu Nabeel viu uma muralha alta e grossa no meio do deserto. Ele chorou, e uma voz disse três vezes: “Deita abaixo a muralha.” Abu Nabeel compreendeu que esta era uma vocação sagrada e convidou-nos a juntarmo-nos a ele.

### **Base bíblica**

A Bíblia não é apenas mais um texto sagrado, ela é a Palavra Viva. Logo que ela entra no nosso mundo cultural e religioso, ela convence, sustenta e julga, enquanto nos ordena que não “recebamos ordens deste mundo”. Tanto Faruqi como Abu Nabeel falavam sobre a centralidade da Palavra, não como um livro a ser dissecado em pedaços intelectuais digestíveis, mas como uma “grande história” em que podemos habitar.

Eles desafiavam-nos a ver o Evangelho como uma mensagem

pessoal, mas não privada; desafiavam-nos a redescobrir como as boas-novas de Jesus falam a um mundo despedaçado, em que a preocupação principal se centra na vergonha, não na culpa; no coletivo, não no indivíduo. O Evangelho é para um mundo em que as pessoas pobres não devem ser marginalizadas, recebendo apenas migalhas, mas devem ser convidadas para a mesa como filhos de Abraão de pleno direito.

Ambos os homens passaram muito tempo em jejum e oração, e frequentemente falavam com tristeza sobre a forma como os Cristãos deixam de ver o modo extraordinário como Deus está a operar entre os Muçulmanos. Isto deve-se, em parte, ao facto de termos adotado as lentes da política externa em vez de abraçarmos a história de Deus, que relata o modo como Ele está a restaurar todas as coisas e a trazê-las de volta a Si.

Ambos os homens viam uma função para a Igreja como agência nas mãos de Deus para nutrir a fé, para providenciar uma comunidade, para contextualizar o culto, para apoiar aqueles que são pobres, para fornecer Bíblias e prover o ensino do Evangelho.

A Igreja como uma comunidade hermenêutica tem o privilégio de se tornar no corpo visível do Deus invisível e de interpretar a vontade de Deus através de palavras e de ações. Um tal testemunho traz louvores a Deus. Do mesmo modo que Jesus está a conduzir-nos para uma compreensão mais profunda da Sua verdade, através do estudo da Sua Palavra, Ele está também a conduzir os Muçulmanos para refletirem igualmente o Seu caráter.

Ellen White escreveu: “A Igreja é o meio que Deus escolheu para a Salvação dos homens. Foi organizada para servir e a sua missão é levar o Evangelho ao mundo. Desde o princípio que o plano de Deus é que a Sua grandeza e os Seus recursos sejam refletidos no mundo através da Sua Igreja. É aos membros da Igreja, a quem Ele chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, que compete manifestar a Sua glória. A Igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo e através dela será, no momento próprio, manifestada, mesmo aos ‘principados e potestades do Céu’ (Efésios 3:10), a última e total demonstração do amor de Deus.”<sup>1</sup>

Abu Nabeel e Faruqi defenderam apaixonadamente o direito de os Muçulmanos verem uma expressão verdadeiramente bíblica e compreensível do corpo de Cristo alicerçado no solo local. Quanto a mim, é meu desejo convidar os Adventistas para se empenharem em favor dos Muçulmanos e permitirem que Deus nos transforme a todos, à medida que nos preparamos para o regresso de Cristo que ocorrerá em breve.

*Maranatha! Vem, Senhor Jesus!* ✨

**• Linda Smith**  
Missionária

1. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, P. SerVir, p. 9.

# Não faz sentido

**N**a *Michigan Quarterly Review* (50, nº1, inverno de 2011), a escritora Miah Arnold redigiu um artigo intitulado “You Owe Me” (“Tu estás em dívida para comigo”), acerca do seu ministério como professora de poesia e prosa junto de crianças em fase terminal no Centro Oncológico M. D. Anderson em Houston, Texas. É um texto que nos retalha as entranhas.

“As crianças com as quais eu cultivo a escrita morrem”, começa ela, “não importa o quanto eu as ame, não importa o quão criativas elas sejam, não importa o número de poemas que elas tenham escrito ou o seu desejo de viver”.

Quase todas as frases são pungentes. Considerando-se o tema do artigo – crianças e o cancro que as mata – como poderia a prosa de Miah Arnold deixar de o ser? No contexto destas crianças sofredoras e a morrer, uma frase captou realmente a minha atenção: “Eu estava a tentar, como toda a gente, compreender aquilo que é sem sentido.”

*Sem sentido.* Isto é, nada daquilo faz sentido. Não pode ser racionalmente explicado. Não há uma boa razão para aquilo. No entanto, não é melhor que o mal (e crianças a morrerem de cancro certamente é uma manifestação do mal) seja sem sentido, irracional, ilógico e inexplicável? De outro modo, como poderia ser? Existirão razões lógicas e harmoniosas para explicar o motivo por

que estes miúdos perdem membros, sofrem o trauma da quimioterapia, suportam dores horríveis, permanecem no hospital durante anos e depois morrem? Por favor! Se houvesse boas razões para isto, eu teria receio de as conhecer. Por mais terríveis que sejam estas tragédias, seriam piores se elas tivessem um sentido. Mas elas não o têm. É por isso que todas elas são *absurdas*.

Ellen White escreveu: “É impossível explicar a origem do pecado de maneira a apresentar a razão da sua existência. (...) O pecado é um intruso, para o qual não se pode dar nenhuma razão. É misterioso, inexplicável. Desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se fosse possível encontrar desculpa ou apresentar uma razão para a sua existência, deixaria de ser pecado” (*O Grande Conflito*, P. SerVir, p. 411).

Agora, substitua a palavra “pecado” pela palavra “mal” e verá que a citação se aplica de igual modo. Quando a tragédia se abate sobre alguém, ouço as pessoas dizerem (e eu próprio penso): *Não compreendo isto. Não faz sentido.* Bem, há uma boa razão para o facto de não o compreendermos: não é compreensível. É absurdo. Se o pudéssemos compreender, se fizesse sentido, se se ajustasse a algum plano lógico e racional, então o mal não seria tão mau, não seria tão trágico, porque serviria um propósito racional. *Mas, quem se atreveria a minimizar o mal e a tragédia de crianças que estão a morrer de cancro?*

Mas, o que dizer do texto: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Romanos 8:28)? O que dizer disto? O facto de todas as coisas contribuírem juntamente para o bem não significa que todas as coisas são boas. Nem todas as coisas são boas. Amar Deus, crer que Ele está no controlo do Universo e confiar no Seu amor e na Sua promessa de que Ele “limpará dos seus olhos toda a lágrima” (Apocalipse 21:4) não significa, para citar Alexander Pope, que “Aquilo que é, é certo”. Como poderia ser certo o sofrimento de uma criança de seis anos, com a cabeça rapada, uma perna amputada, doente, assustada e aguardando a morte?

No fim, à luz da Cruz, à luz do facto de que o Criador de tudo o que existe, o próprio Senhor, Se ter tornado humano e, como humano, ter levado o nosso pecado em nosso lugar; à luz de tudo isto, a bondade, a santidade e a justiça de Deus será vindicada perante os homens e perante os anjos, e “todo o joelho se dobrará diante de mim, e toda a língua confessará a Deus” (Romanos 14:11). Mas a Teodiceia – um termo teológico que significa a justificação de Deus perante o problema do mal – é apenas isso: a justificação de Deus, não do mal.

Eu já não tento compreender o mal e a tragédia; é o mesmo que tentar achar a quadratura do círculo. É algo totalmente fútil. Em vez disso, eu foco-me na Cruz, e no que ela revela acerca da bondade de Deus num mundo pleno de absurdo. ✨

• **Clifford Goldstein**  
Editor do Manual da  
Escola Sabatina

“O QUE **DESVIA** OS SEUS OUVIDOS DE OUVIR A LEI,  
ATÉ A SUA **ORAÇÃO É ABOMINÁVEL.**”

PROVÉRBIOS 28:9.

# Conexão impossível

Uma das grandes diferenças entre os seres humanos e os animais é a capacidade de dialogar. Os animais comunicam entre si mediante sons, mas dialogar é uma característica essencialmente humana. O diálogo é uma via de dois sentidos – ocorre entre, pelo menos, duas pessoas, que ouvem e são ouvidas. Em todo o relacionamento sadio deve haver mutualidade. Os sentimentos, o respeito e a atenção devem ser recíprocos.

No entanto, existem pessoas que desejam ser respeitadas, mas não respeitam; querem ser ouvidas, mas não ouvem; querem ser amadas, mas não amam. Muitas vezes, agimos assim com Deus. Exigimos que Ele nos ouça, mas recusamo-nos a ouvi-l'O. Provérbios 28:9 apresenta um grupo de pessoas que procuram ser ouvidas por Deus, mas que se recusam a ouvi-l'O.

## **Que mensagem dura! É mesmo assim?**

Quando me deparei com este versículo – Provérbios 28:9 – pela

primeira vez fiquei pensativo por algum tempo, perguntando a mim mesmo: Será que foi isto mesmo que Deus quis dizer? Será que o tradutor não se enganou ao traduzir este versículo a partir do original hebraico?

Para acalmar as minhas inquietações resolvi pesquisar mais a fundo este versículo. Descobri, por exemplo, que a palavra hebraica traduzida pelo verbo “ouvir” também poderia ser traduzida por “obedecer” ou “guardar”. A palavra “lei” (*Torah*) refere-se a todo o Pentateuco. Portanto, ela também inclui Êxodo 20, ou seja, a Lei moral de Deus, os Dez Mandamentos. Outra tradução possível para a palavra hebraica traduzida por “abominável” seria “detestável”, o que torna a expressão ainda mais séria. Finalmente, fui em busca de outras traduções para comparar com a versão que eu tinha lido. Todas as traduções que consultei concordam entre si em relação à tradução deste versículo.

O que podemos concluir, portanto, é que Deus realmente quis

dizer o que está escrito nas nossas Bíblias. Por isso, vamos ponderar um pouco mais sobre este versículo.

## **De quem fala o versículo?**

O texto deixa transparecer algumas características que nos ajudam a identificar o tipo de pessoa a que se refere. Duas características destacam-se. A primeira é que as pessoas descritas neste versículo se recusam a ouvir (obedecer, guardar) a Lei. Isso significa que estas pessoas conhecem a Lei de Deus, conhecem a Palavra de Deus, mas voluntariamente recusam-se a obedecer-lhe.

Uma segunda característica que podemos observar é que estas pessoas aludidas em Provérbios 28:9 oram a Deus. São pessoas religiosas, que frequentam a igreja, que professam um credo. Dizem que servem Deus, mas querem fazê-lo ao seu modo, sem compromisso real com as ordens do Senhor.

É igualmente importante destacarmos o tipo de pessoas a quem o versículo não se está a re-

ferir. O texto não se refere a quem desconhece as leis da Bíblia.

### **O que significa tudo isto?**

A aplicação deste texto deve fazer-nos refletir profundamente a respeito da nossa vida cristã. A rebelião impede o contacto com Deus. Rebelião é colocar-se conscientemente contra uma clara ordem divina.

A Palavra de Deus revela-nos várias leis a que devemos dar toda a nossa atenção. A Lei moral é, sem dúvida, a mais importante delas. Os Dez Mandamentos, inclusivé o mandamento do Sábado, devem ser alvo da nossa atenção e da nossa obediência. Encontramos outras leis de Deus na Sua Palavra: a lei dos dízimos e das ofertas, as leis de saúde, entre outras.

Quando estudamos os textos sagrados, precisamos de estar atentos aos pequenos detalhes. No texto que estamos a analisar há um detalhe importante. A palavra “até” tem muito para nos dizer. Trata-se de uma palavra inclusiva. Não é somente a oração dos rebeldes que é abominável; qualquer uma das suas manifestações tendo Deus como objeto é abominável: Música, culto, pregação – tudo é abominável ou detestável para Deus.

O profeta Amós transmitiu, da parte de Deus, uma mensagem a pessoas que estavam em rebelião contra o Senhor. Nessa mensagem ele diz o seguinte: “Eu odeio e desprezo as suas festas religiosas; não suporto as suas assembleias solenes. Mesmo que me tragam as melhores ofertas de comunhão, não lhes darei a menor atenção. Afastem de mim o som das suas canções e a música das suas liras” (Amós 5:21-23). O povo ao qual Amós dirigiu estas palavras ia à igreja, fazia sacrifícios, cantava bonitos hinos, mas

era desobediente aos mandamentos divinos. Para Deus, a sua adoração era desprezível.

Por meio do profeta Isaías, Deus confirmou esta ideia. Diz ele: “O braço do Senhor não está tão encolhido que não possa salvar, e o seu ouvido tão surdo que não possa ouvir. Mas as suas maldades os separam do seu Deus; os seus pecados esconderam de vós o rosto dele, e por isso ele não os ouvirá” (Isaías 59:1 e 2). Se Deus aceitasse a adoração dos desobedientes, estaria a aprovar a rebeldia.

Ellen G. White confirma estes conceitos em diversos textos: “Deus não aceitará uma obediência voluntariosa e imperfeita. Os que presumem estar santificados, mas desviam os ouvidos de ouvir a Lei, demonstram ser filhos da desobediência, cujo coração carnal não está sujeito à Lei de Deus, nem mesmo pode estar” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 199).

Ao comentar a primeira mensagem angélica, ela escreveu: “Na mensagem do primeiro anjo, os homens são chamados a temer Deus, a dar-Lhe glória e a adorá-Lo como Criador do céu e da Terra. Para isto devem obedecer à Sua Lei. Diz Salomão: ‘Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem’ (Eclesiastes 12:13). Sem a obediência aos Seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus. ‘Este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos’ (I João 5:3). ‘O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua adoração será abominável’ (Provérbios 28:9)” (*O Grande Conflito*, P. SerVir, p. 363).

A completar este pensamento, ainda lemos: “Não bastava que a arca e o santuário estivessem no meio de Israel. Não bastava que os sacerdotes oferecessem sacri-

fícios, e que se chamassem ‘filhos de Deus’. O Senhor não toma em consideração o pedido daqueles que acariciam a iniquidade no coração. Está escrito que ‘o que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável’ Prov. 28:9” (*Patriarcas e Profetas*, P. SerVir, p. 536).

### **Conclusão**

A mensagem contida em Provérbios 28:9 é muito importante e profunda. Deus não considera as orações daqueles que voluntariamente Lhe desobedecem. O culto, os hinos e outras formas de adoração, por melhor executados que sejam, também são rejeitados por Deus.

Há um desafio para o povo remanescente: dar a mensagem de advertência àqueles que necessitam de mudar de vida. Não podemos ter orgulho espiritual, mas é preciso ter consciência de que os que conhecem e guardam a Lei de Deus precisam de pregar a Palavra de Deus àqueles que se revoltaram contra Ele.

Os que professam fazer parte do povo remanescente devem analisar-se, diariamente, para saber se estão a “ouvir” a Lei de Deus. O Senhor não terá em consideração o título de “Adventista” na hora do juízo. Naquele dia, o ser humano e Deus encontrar-se-ão face a face.

Felizmente, há solução para os que se encontram em rebelião contra Deus. João escreveu: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (I João 1:9). A oração de arrependimento será sempre ouvida por Deus. Que possamos estar sempre atentos à voz do Senhor! ✨

• **Felippe Amorim**

*Professor de História no IAENE*



## III CONFERÊNCIA CONSCIÊNCIA E LIBERDADE

**Paulo Sérgio Macedo**

Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD  
Presidente da Direção da AIDLR-Pt

Pelo terceiro ano consecutivo, realizou-se a 27 de novembro de 2014, em Lisboa, a Conferência *Consciência e Liberdade*, iniciativa da Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa, instituição apoiada

efetuada pela Associação ao tempo que vivemos e ao estado da liberdade religiosa, em Portugal e no mundo. Se, em Portugal, se regista nos últimos anos uma convívência entre religiões e um espírito de tolerância para com a diferença, e se se verifica uma época de oportunidade, com a aplicação de uma das mais abertas legislações sobre liberdade religiosa do mundo, lá fora, nesse mundo cada vez mais pequeno e mais perto, o tempo causa assombro e perplexidade.

Como convidados para esta iniciativa estiveram presentes dois oradores, cada um numa das duas vertentes do tema da Conferência.

O Dr. João Lobo, deputado e membro da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdade e Garantias da Assembleia da República, apresentou um tema com o título: “O relacionamento entre o Estado e as denominações religiosas à luz do Direito Português. A experiência da Lei da Liberdade Religiosa.” Na sua intervenção, o deputado João Lobo explanou os eixos principais da Lei de Liberdade Religiosa, Lei 16/2001, e apresentou as novas oportunidades que se abrem para as Igrejas minoritárias em Portugal, quer no relacionamento com o Estado, quer na inserção na realidade social do país.

Seguiu-se na Conferência a intervenção do Prof. Dr. Ganune Diop, Diretor-Associado do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da CG da IASD e representante da IASD e IRLA (*International Religious Liberty Association*) na Organização das Nações Unidas, com o tema: “Um consenso



normativo abrangente sobre Dignidade Humana: Um fundamento para os Direitos Humanos e para as Liberdades Fundamentais.” Segundo as palavras do Prof. Diop, a liberdade religiosa, como outros direitos universais e inalienáveis, tem como fundamento o princípio da dignidade humana, que é ele próprio basilar na construção do pensamento de todas as civilizações, culturas e religiões que valorizam o ser humano. Destacando, como exemplo, o Artigo 1º da Constituição da República Portuguesa – que aponta a dignidade humana como princípio constitucio-

nal fundador – o conferencista apontou o respeito por esse fundamento como uma possibilidade desejável de tolerância, entendimento e fraternidade, na sociedade e entre os diferentes povos.

Presidiu a esta Conferência o Dr. Fernando Soares Loja, Presidente, em exercício, da Comissão de Liberdade Religiosa, contando o evento ainda com a presença do Dr. Paulo Mendes Pinto, responsável pela Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona.

Este foi também o momento escolhido para a entrega do prémio e apresenta-



Paulo Sérgio Macedo, Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD  
Presidente da Direção da AIDLR-Pt.

da pela IASD, em parceria com a Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona e a Comissão de Liberdade Religiosa.

Desta vez, o tema escolhido para reflexão sobre o fundamental direito de liberdade religiosa foi “A Liberdade Religiosa na Atualidade: Oportunidades em Portugal, Desafios no Mundo.” A escolha deste tema genérico deve-se à análise



Dr. João Lobo, deputado e membro da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdade e Garantias da Assembleia da República.

ção do trabalho vencedor do II Prémio Revista *Consciência e Liberdade*. A autora premiada, Dr<sup>a</sup> Susana Machado, jurista e professora do ensino superior, apresentou o seu trabalho: “Do Direito de o Trabalhador Observar Períodos de Guarda Impostos pela

Religião que Professa.” O Júri justificou a sua decisão pela qualidade e contribuição para o tema e reflexão sobre a liberdade religiosa trazidas pelo trabalho. Segundo a autora, esta “trata-se de uma reflexão crítica útil para a promoção da igualdade, da



Prof. Dr. Ganoune Diop, Diretor-Associado do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da CG da IASD e representante da IASD e IRLA (International Religious Liberty Association) na Organização das Nações Unidas.



Pastor Artur Machado, Dr. Susana Machado, jurista e professora do ensino superior.

diversidade e da tolerância numa sociedade cada vez mais plural no domínio religioso em que o trabalho ocupa um lugar de destaque na vida dos indivíduos”.

Para a Direção da AIDLR, esta foi mais uma oportunidade, bem aproveitada e extremamente útil, para colocar o assunto da liberdade

religiosa em debate e análise, de uma forma profunda e ponderada e para lá das notícias correntes, bem como de proporcionar a pessoas de diferentes origens e crenças um encontro de vontades, com a defesa e promoção da liberdade religiosa e a valorização dos direitos humanos como fator de união. ✍

## ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE ADVENTISTA NAS NAÇÕES UNIDAS

RA/Ad7

**Professor Ganoune, como vê o trabalho desenvolvido em Portugal pela Comissão de Liberdade Religiosa?**

Primeiro devo começar por felicitar o país pela sua Constituição. Os princípios que estão inscritos e gravados na Constituição permitem verdadeiramente que nos focalizemos sobre o trabalho em favor dos direitos do Homem, em particular, e eu quero precisamente mencionar, por exemplo, que o primeiro artigo da vossa Constituição aqui em Portugal insiste no facto de que a dignidade humana está no centro de todo o edifício desta Constituição; isso, evidentemente, favorece uma sociedade livre, porque menciona a liberdade, menciona também a solidariedade e a justiça. Pelo que creio que o trabalho desta Comissão

está pensado para reforçar estes princípios e o princípio da dignidade humana, mas também os valores da liberdade, da justiça e da solidariedade. Creio que isto dá uma grande oportunidade para Portugal ser um país onde a paz entre os cidadãos pode ser uma realidade.

**A nível mundial, qual é a sua perspetiva sobre a liberdade religiosa?**

A liberdade religiosa progride em vários países, mas infelizmente há também muitos desafios. Por exemplo, neste momento, cerca de 66% da população mundial experimenta uma forma ou outra de restrição à sua liberdade religiosa. Pelo que, mesmo se se fala um pouco mais de liberdade religiosa no mundo hoje, na ONU e nas organizações internacionais, infelizmente a realidade no terreno necessita de progredir, pois em muitos

países as pessoas ainda não são livres de escolher a sua religião segundo a sua consciência e segundo a sua preferência. Há, por exemplo, países onde hoje é proibido mudar de religião e em todos os lados em que a religião é uma religião de Estado, quando não há separação entre a religião e o Estado, há frequentemente problemas, em especial ao nível das minorias, e também problemas ao nível individual, pois os Estados que estabelecem uma religião de Estado têm tendência a ser totalitários.

**Podemos saber um pouco sobre qual é a sua responsabilidade nas Nações Unidas?**

Nas Nações Unidas eu apresento duas organizações. Primeiro represento a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Portanto, sou o embaixador global permanente ao nível das Nações Unidas, tanto em Nova Iorque como em

Genebra, e focalizo-me especialmente no ramo dos Direitos do Homem sobre a liberdade religiosa e sobre a defesa dos direitos de consciência e de crença. Mas também represento uma outra organização, que a Igreja Adventista apoia, ainda que esta organização tenha um aspeto exterior à Igreja, porque inclui pessoas de outras denominações que são ativas e, na verdade, inclui mesmo pessoas que não são crentes, mas que apoiam esta organização, porque nós defendemos a liberdade religiosa para todos, sem exceção. Na verdade, o Presidente (da Associação) não é ele mesmo Adventista, ele vem de uma tradição Batista ou Episcopal. É uma Associação aberta (a Associação Internacional da Liberdade Religiosa), mas que é apoiada pela Igreja Adventista. ✍

# COMEMORAÇÃO DOS 90 ANOS DA INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO DA IGREJA CENTRAL DE LISBOA

RA/Ad7

No dia 29 de novembro de 1924 era inaugurado um edifício, da autoria do reconhecido arquiteto Pardal Monteiro, na Rua Joaquim Bonifácio, em Lisboa, destinado a ser o templo da igreja Adventista do Sétimo Dia nesta cidade.

No passado dia 29 de novembro de 2014, um sábado, a igreja Central de Lisboa reuniu-se para um momento de louvor, ação de graças e comemoração, por ocasião do nonagésimo aniversário da referida inauguração, sendo ao mesmo tempo o encerramento das cerimónias que se prolongaram durante todo o ano, sob o mote *Um Povo e Uma Missão*, cuja Comissão Organizadora foi presidida pelo irmão ancião Edgar Gomes.

Na parte da manhã, o programa especial teve como ponto alto a homenagem aos Pastores que, ao longo do tempo, serviram a Igreja e a comunidade em Lisboa, tendo o sermão estado sob a responsabilidade do Pastor Joaquim Dias, Pastor reformado desta igreja e também antigo Presidente da UPASD. Existiu também um momento de homenagem à comunidade

Adventista de Lisboa, ou seja, a todos os que, no passado e no presente, empregaram e continuam a empregar a sua vontade e os seus talentos na edificação e manutenção deste templo e na presença Adventista na cidade. Representando toda esta comunidade, foi homenageado o irmão ancião Samuel Ribeiro, que, como membro de igreja e médico, tem prestado um inestimável e dedicado serviço à obra, aos níveis local, nacional e internacional.

Da parte da tarde, teve lugar uma cerimónia oficial de comemoração, aberta a autoridades civis e religiosas convidadas. Estiveram presentes o Presidente da Comissão de Liberdade Religiosa, Dr. Fernando Soares Loja, o Secretário da Sociedade Bíblica de Portugal, Dr. Timóteo Cavaco, representantes das autarquias locais, de instituições sociais e de outras confissões religiosas. As várias personalidades que usaram da palavra felicitarão a comunidade Adventista pelos 90 anos de inauguração do Templo e destacaram a importância da Igreja Central de Lisboa, por um lado, no desenvolvimento da missão evangelizadora cristã, e, por outro, na ação próxima e per-



manente na comunidade.

A UPASD esteve representada pelo seu Presidente, Pastor António Rodrigues, e pelos diretores dos Departamentos de Comunicação e de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos. O Pastor António Rodrigues deixou uma palavra de reconhecimento pela ação histórica desta igreja e também uma palavra de apelo à continuação empenhada da missão da Igreja na região de Lisboa, destacando o espírito de serviço que sempre a tem conduzido.

Esta cerimónia foi presidida pelo Pastor Enoque Nunes, Pastor da igreja Central de Lisboa, que, no seu discurso de abertura e de receção aos convidados, assinalou os pilares do Adventismo, sob o ponto de vista dos princípios e da ação na comunidade. Afirmando a perspetiva holística cristã da vida, o respeito pela liberdade religiosa, a responsabilidade pelo apoio aos mais desfavorecidos e aos que sofrem violência e maus-tratos, a defesa do valor da família e a atenção particular aos jovens, o Pastor Enoque Nunes enfatizou que a Deus se deve a presença da Igreja entre os homens e tudo o que em Seu nome se alcança, realçando que: “Deus valoriza a vida humana, não na base

das realizações ou dos contri-  
butos humanos, mas porque  
nós somos Sua criação e ob-  
jeto do Seu amor redentor.” A  
mensagem de certeza sobre a  
proteção de Deus, a definição  
da missão da igreja local e o  
empenho dos irmãos desta co-  
munidade esteve presente nas  
suas palavras, ao dizer que:  
“Ao olharmos para a nossa his-  
tória, vimos na geração passa-





da força, ousadia e motivação na proclamação da bendita Esperança à Humanidade. Hoje, como então, reconhecemos a nossa responsabilidade enquanto povo ‘reparador das roturas, e restaurador de verdade para morar’ (Isaías 58:12).

Existiu ainda a oportunidade de ouvir o Pastor Teófilo Ferreira realizar uma prelação sobre “Os Adventistas e a Bíblia”, na qual definiu os pilares de fé e das doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, reafirmando, entre eles, o valor da Bíblia como única regra

de fé, e sintetizando de forma extraordinária o papel do Adventismo na missão evangelizadora cristã.

A cerimónia teve como momentos especiais a apresentação de um trecho de Bach ao piano pelo irmão Michel Gal e um hino pelo Coro da igreja Central de Lisboa, terminando com uma leitura responsiva de gratidão realizada por toda a igreja. Durante o dia esteve disponível para visita uma exposição, da Sociedade Bíblica de Portugal, sobre João

Ferreira de Almeida.

Para além de um Sábado abençoado para todos os que se deslocaram ao templo da igreja Central de Lisboa, esta foi uma oportunidade para louvar e agradecer a Deus pelo que tem feito por e através desta comunidade nesta cidade. Repetindo o texto de Ellen White invocado na ocasião: “Ao recapitular a nossa história passada, havendo percorrido todos os passos do nosso progresso até ao nosso estado atual, posso dizer: Louvado seja Deus! Quando vejo o que

Deus tem executado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado” (E.W., *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 162).

Palavras inspiradas, que formam parte do acervo espiritual adventista, que tão bem se aplicam a este momento importante da vida da igreja Central de Lisboa e da Igreja em Portugal. ✎

## NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



# 2213 BATISMOS RESULTANTES DAS EMISSÕES DA HOPE TV EM VANUATU

AR/RA

Uma campanha evangelística com a duração de três semanas realizada em Vanuatu, uma ilha situada no Pacífico Sul, resultou em 2213 batismos. Entre as pessoas batizadas estava um responsável do Ministério da Saúde, um antigo responsável do Ministério da Educação e a mulher de um dos ministros do Governo. Foram também batizados dois pastores evangélicos com as suas famílias. Este resultado inesperado foi atribuído pelos líderes da Igreja à operação do Espírito Santo, que se serviu da transmissão televisiva diária do evento para alcançar as almas sinceras da pequena nação insular.

A campanha intitulada “Esperança para Port Vila” terminou no Sábado 13 de setembro de 2014. “A Hope TV é um verdadeiro milagre”, disse Simon Luke, secretário executivo da Missão Adventista de Vanuatu. “Se não fosse a transmissão televisiva, este extraordinário número de batismos não teria ocorrido.” A frequência das reuniões aumentou consideravelmente, à medida que a campanha era transmitida em direto pelo canal televisivo Adventista Hope Channel e era retransmitida na televisão nacional de Vanuatu. Mais de 5000 pessoas estiveram presentes nas conferências no terceiro dia da campanha e cerca de 12 000 estiveram presentes no último Sábado. Os líderes da Igreja estão gra-

tos a Deus por esta tremenda resposta à pregação do Evangelho. Este afluxo de novos crentes irá encher completamente as 85 igrejas da Missão de Vanuatu. Esta Missão cobre um território com uma população de 265 000 habitantes e tinha 19 000 membros antes da campanha evangelística ter começado. Os líderes da Igreja em Vanuatu atribuem o elevado número de batismos ao facto da campanha ter sido transmitida pela televisão e pela rádio. Mas esta campanha não decorreu sem obstáculos. Os líderes das outras denominações cristãs presentes na ilha tornaram-se agressivos e ameaçadores depois de o pregador Adventista ter falado sobre a santidade do Sábado e sobre o modo como o dia de



adoração tinha sido transferido para o domingo pelos líderes cristãos pós-apostólicos. Os comentários dos opositores nos meios de comunicação social foram frequentemente caracterizados pelo ódio e por obscenidades. Alguns indivíduos anónimos ameaçaram deportar ou, mesmo, matar o orador Adventista. No entanto, Deus protegeu os Seus servos e coroou os seus esforços com um extraordinário número de batismos. ✎

# Não sejamos uma Igreja amigável

## A DIFERENÇA SURPREENDÊ-LO-Á.

**A**s igrejas amigáveis são acolhedoras e felizes. Os seus membros cumprimentam-se mutuamente nas manhãs de Sábado e desfrutam juntos do almoço em comunidade após o culto. Frequentemente, os membros da igreja visitam os lares uns dos outros e realizam reuniões sociais na igreja. Qual é o mal de se ser amigável?

Pergunte a Russell Burrill. No seu livro *How to Grow an Adventist Church* (Como fazer crescer uma igreja Adventista)<sup>1</sup> ele conta a história da sua primeira visita a uma certa igreja Adventista “amigável”. Logo que o serviço de culto terminou, ele conseguiu descobrir o caminho para o salão onde decorreria o almoço em comunidade. Ele olhou ao redor da sala em busca de um assento. À sua volta havia grupos de amigos que usufruíam da companhia uns dos outros. Dado que todas as cadeiras junto das mesas cheias de gente estavam ocupadas, ele foi buscar uma cadeira de uma mesa vazia e sentou-se. Ele notou que um jovem casal se aproximava do seu canto solitário.

“Estas cadeiras estão ocupadas?”, perguntaram eles. Contento por ter companhia, Burrill respondeu que as cadeiras estavam livres, mas, em vez de se juntarem a ele, o casal pegou nas cadeiras e levou-as.

Burrill nunca mais voltou àquela igreja. Não foi por causa de um sermão aborrecido ou por causa de uma carpete feia. Não foi sequer pela falta de um diácono que lhe sorrisse e lhe desse um boletim de igreja. Foi porque nenhum dos membros tomou tempo para tratar conhecimento com ele. Eles estavam tão ocupados a conviver uns com os outros que não notaram que Burrill estava só. Durante toda a refeição comunitária, as únicas pessoas que conversaram com ele eram também visitantes.

### **Não é o único**

Burrill não foi o único que se sentiu deslocado numa igreja amigável. Kerry, um Adventista que se tinha afastado e que regressava à Igreja, queria que a sua esposa, Chiare, abraçasse a fé Adventista. Quando eles se mudaram para uma nova cidade, visitaram várias congregações, mas não se sentiram bem em

nenhuma delas. De facto, para além dos diáconos à porta, ninguém lhes disse *fosse o que fosse*. O contraste entre a amena confraternização a que estavam acostumados na igreja que antes frequentavam e a receção fria que receberam nas igrejas Adventistas foi doloroso. Eles estavam a ponto de desistir quando decidiram dar aos Adventistas uma última oportunidade.

No sábado seguinte, sentados no carro que estava estacionado no parque de estacionamento de outra igreja Adventista, Kerry, Chiare e a sua filha inclinaram a cabeça e oraram: “Senhor, dirige-nos para o nosso lar espiritual.” Os três, então, entraram na igreja e avançaram lentamente pelo longo corredor, passando ao lado de grupos de pessoas felizes que tagarelavam. Mesmo antes de terem chegado ao templo, eles hesitaram. Enquanto se interrogavam se esta igreja seria como todas as outras, uma mulher apresentou-se e gastou algum tempo com eles para os conhecer. Na semana seguinte, a família foi convidada para almoçar. Kerry e a sua família tinham encontrado aquilo que procuravam. Eles apenas precisavam

de pessoas que os acolhessem e os fizessem sentir-se bem-vindos.

### **Fora da zona de conforto**

Nem sempre nos damos conta de quão nervosas algumas pessoas estão quando visitam uma igreja pela primeira vez. Mary tinha vindo a assistir à televisão Adventista 3ABN e realizado os seus estudos bíblicos *online* há já algum tempo quando decidiu visitar uma igreja Adventista.<sup>2</sup>

Ela tinha conduzido metade dos 45 minutos que durava a viagem até à igreja Adventista de Norfolk, quando desistiu da ideia e regressou a casa. Na semana seguinte, ela chegou até ao parque de estacionamento da igreja, mas desistiu. Finalmente, no seu terceiro sábado, ela conseguiu sair do carro, mas gelou de medo, agarrada à sua Bíblia. No entanto, de algum modo ela encaminhou-se para a porta da igreja. Logo que entrou, alguns membros da igreja acolheram-na calorosamente e convidaram-na

a sentar-se com eles. Ela diz: “Foi bom, pois eu estava a sentir-me completamente perdida!”

Hoje, Mary é membro ativo da igreja de Norfolk porque os membros a fizeram sentir-se confortável. O seu pastor, Adrian Atkins, acrescenta: “Se alguém vem até junto da nossa porta e nós não o podemos acolher, algo se passa de errado connosco. Se não os podemos amar como uma família, então não temos direito de os chamar para fora do mundo!”

### **E no que toca à sua igreja?**

Será que uma visita seria mal acolhida na sua igreja? A obreira bíblica e escritora Karen Lewis crê que nós perdemos muitas oportunidades para fazer as pessoas sentirem-se bem-vindas.<sup>3</sup> Ela explica: “Nós trabalhamos muito para convidar as pessoas para as nossas igrejas, mas, quando Deus as traz, nós quase sempre as ignoramos.”

Como podemos ter a certeza de que as nossas visitas não estão a ser ignoradas? Os diáconos à porta deveriam certificar-se de que isso não acontece, certo? Embora os diáconos possam dar o boletim da igre-

ja, sorriam e apertem as mãos das visitas, eles sozinhos não podem fazer as visitas sentirem-se bem-vindas. As visitas precisam de se sentir bem-vindas pela congregação, e uma conversa descontraída é muito mais importante do que um aperto de mão obsequioso. Todos os membros deviam ter uma parte ativa no acolhimento das visitas.

Fazer com que uma visita se sintam bem-vinda não é tão difícil como possa pensar. Eis algumas dicas:

**Esteja atento.** Olhe ao redor em busca de novas caras, e, quando descobrir uma que não conhece, apresente-se.

**Seja confiante.** Estenda a sua mão, olhe a pessoa nos olhos e diga: “Penso que ainda não nos conhecemos.”

**Seja interessado.** Procure conhecer os interesses da pessoa e descubra onde ela trabalha.

**Seja um anfitrião.** Leve a visita numa volta pela igreja e convide-a a sentar-se junto de si no almoço comunitário.

**Seja cortês.** Apresente a visita aos seus amigos da igreja.

**Seja encorajador.** Obtenha os contactos da visita e convide-a para voltar à igreja na próxima semana.

Embora seja agradável sermos amistosos com os nossos amigos de igreja, temos de incluir as visitas na nossa confraternização. Ser amigável é uma grande qualidade, mas, para realmente acolhermos as visitas, devemos ir mais fundo. Se fizermos das nossas visitas uma prioridade, elas sentir-se-ão em casa nas nossas igrejas. ✦

**• Nathan Sarli**  
Estudante

1. Russell Burrill, *How to Grow an Adventist Church*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2009.

2. Bobby Davis, “Divine Paradox”, *3ABN World*, dezembro de 2012, pp. 20-23.

3. Karen Lewis, “Bible Studies Made Easy”, 30 de setembro 2012. Retirado de [www.audioverse.org/english/sermons/recordings/4322/bible-studies-made-easy.html](http://www.audioverse.org/english/sermons/recordings/4322/bible-studies-made-easy.html).





# O que quis Jesus afirmar que de

Como podem os seres humanos ser perfeitos como o Pai celestial é perfeito? Deus é um ente sem pecado; desde a Queda que os seres humanos são criaturas pecaminosas por natureza (Efésios 2:3). De que modo podem eles chegar alguma vez a ser perfeitos como o Pai é perfeito? O que Jesus quis dizer?

## **O Sermão da Montanha**

As poderosas palavras de Jesus em Mateus 5:48 formam a conclusão da segunda secção do Sermão da Montanha. Todo o sermão estende-se de Mateus 5 a 7, mas esta secção vai de 5:17 até 5:48. A secção consiste num preâmbulo, no qual Jesus insiste que não veio abolir a Lei e os Profetas, mas veio sim cumpri-los. Este preâmbulo é seguido por uma série de seis afirmações contrastantes, as antíteses, em que Jesus cita um versículo do Antigo Testamento ou um dito tradicional, usando a fórmula “Ouviram o que foi dito...”, segui-

da pelo contraste “Mas eu digo-vos...” (Mateus 5:21 e 22).

Poder-se-ia supor que cada antítese sugeriria a rejeição da ideia expressa no Antigo Testamento, sendo esta substituída por um novo ensino de Jesus. Pelo contrário, em cada caso Jesus aprofunda a aplicação do ensino das Escrituras do Antigo Testamento. Assim, Ele ilustra a Sua insistência na tese de que o Seu propósito não era invalidar as máximas do Antigo Testamento, mas sim demonstrar a profundidade e o alcance dos antigos mandamentos de Deus.

## **Amar os nossos inimigos**

A última das antíteses encontra-se em 5:43-48 e trata do tema de se amar os nossos inimigos. Jesus cita uma parte de Levítico 19:18 – “Amarás o teu próximo” – e depois adiciona-lhe uma máxima tradicional: “E odiarás o teu inimigo.” A seguir, Jesus responde a esta afirmação com a Sua famosa máxima que afirma

que devemos amar os nossos inimigos e orar pelos nossos perseguidores. O Mestre afirma então que assim proceder para com os nossos inimigos resulta em nos tornarmos filhos do nosso Pai do Céu, “porque ele faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos”. Portanto, amar os inimigos é emular a ação de Deus.

Jesus prossegue, expondo o contraste entre as ações magnânimas de Deus e os atos daqueles que apenas amam os que os amam ou que amam apenas os seus irmãos. Este comportamento, diz Jesus, não é melhor do que o dos cobradores de impostos e dos Gentios, pessoas usualmente consideradas como estando fora do alcance da religião bíblica. É-nos assim apresentado um contraste entre dois comportamentos e entre dois grupos: por um lado, Deus com o Seu amor, o Seu cuidado e a Sua preocupação tanto pelas pessoas boas como pelas pessoas más; por outro lado, os co-

“SEDE VÓS, POIS, PERFEITOS,  
COMO É PERFEITO O VOSSO PAI  
QUE ESTÁ NOS CÉUS.”

MATEUS 5:48.

# dizer quando veremos ser “perfeitos”?

bradores de impostos e os Gentios, com o seu cuidado e o seu amor dedicados apenas a si mesmos. Tudo isto é seguido pelo nosso versículo, que chama os discípulos à perfeição, tal como é perfeito o Seu Pai no Céu.

É essencial compreender o contexto de Mateus 5:48 para se compreender o significado do texto. No interior da última antítese, a perfeição é definida, não como sendo um estado sem defeitos, não como a superação do nosso falhanço moral, mas sim como a extensão do amor aos grupos de pessoas que estão mais longe de nós: Os nossos inimigos. É verdade que, no interior de todo o grupo das antíteses, o chamado à perfeição em Mateus 5:48 contém uma expressão da mais profunda pureza moral – por exemplo, redefinindo o homicídio como o simples ódio e o adultério como o mero olhar sensual e, depois, rejeitando a prática de ambos os comportamentos.

Diante destes superlativos morais, poderíamos ser tentados a

simplesmente desistir do discipulado ou, então, a adotar a posição do autor da *Didaché*, obra escrita no segundo século, que alude no versículo 2 do capítulo 6 da sua obra ao versículo de Mateus que estamos a estudar e afirma o seguinte: “Se pudeses suportar inteiramente o jugo do Senhor, serás perfeito; mas se não o conseguires, faz aquilo que pudeses.” Ou podemos chegar ao ponto de afirmar, como fazem outros, que Jesus não quis dizer aquilo que disse, que a perfeição é impossível e que, além disso, é desnecessária, dado que o Cristão é salvo pela graça.

## O significado de “perfeito”

Mas nós perdemos algo que é profundamente importante quando adotamos qualquer uma destas atitudes. O termo grego que designa a perfeição em Mateus 5:48 é *teleios*, que significa “perfeito, sem defeito, completo, plenamente desenvolvido, maduro, que alcançou o fim ou o propósito”.<sup>1</sup> Quando algo

atingiu a maturidade e alcançou o seu objetivo, é chamado *teleios*, “perfeito”. A vida cristã tem um objetivo. Ela está apontada em direção ao Céu. O chamado do Evangelho em direção ao Alto é a sua marca distintiva (Filipenses 3:12-14). Deus aceita-nos onde quer que Ele nos encontre, mas nunca nos deixa aí. Ele leva-nos numa viagem que visa alcançar a maturidade cristã. A ordem de Jesus exprime a fruição dessa viagem. Aceitar a Sua ordem é aceitar realizar a viagem e caminhar segundo a Sua vontade. O objetivo da perfeição – da maturidade cristã, de sermos semelhantes ao nosso Pai que está nos Céus – é-nos dado não para nos desencorajar, mas para nos servir de estrela orientadora num mundo de trevas morais. †

• Tom Shepherd  
Teólogo

1. Veja William Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, Cambridge: University of Chicago Press, 1957, s. v. “teleios” de Deus.

# A história de Annie Smith

**O**h! Não derrames lágrimas sobre o lugar onde durmo;

É pelos vivos, e não pelos mortos, que devemos chorar; Eles pranteiam pelo cansado que repousa docemente,

Livre na sepultura dos fardos e das aflições da vida?

Eu anseio por repousar na solitária e silenciosa tumba,

Pois os passos de Jesus iluminaram a escuridão;

Eu morro com a esperança de, em breve, voltar a encontrar

Os amigos que amo, e para sempre reinar com Ele.

Estas palavras, poderosas e corajosas, foram escritas por uma jovem mulher moribunda em 1855. A sua curta vida foi um testemunho de sacrifício pela sua fé e as suas capacidades criativas e artísticas têm tido uma influência persistente na nossa Igreja, sob a forma de palavras de esperança. Annie Rebekah Smith foi uma pioneira da fé Adventista.

## **Promessas precoces**

Nascida em 1828, em West Wilton, New Hampshire, Annie foi

batizada na Igreja Batista aos 10 anos. No entanto, Annie e a sua família deixaram a fé Batista para se juntarem ao movimento millerita em 1844. Quando veio o Desapontamento, em 22 de outubro desse ano, Annie decidiu investir as suas energias numa carreira literária e artística.

Annie frequentou durante seis anos várias escolas. Seis semestres foram empregues no Seminário de Charlestown, no Massachusetts. Sendo não denominacional, o Seminário oferecia lições semanais sobre a Bíblia e os estudantes eram obrigados a frequentar a igreja duas vezes em cada domingo.

Durante estes anos, a mãe de Annie ficou preocupada com a filha e partilhou as suas preocupações com o pioneiro Adventista Joseph Bates, quando este visitou o lar da família Smith. Bates incentivou a Sr<sup>a</sup> Smith a comunicar a Annie que ele iria fazer uma palestra em Boston e a convidar a filha para estar presente.

Nessa mesma noite, Annie Smith e Joseph Bates tiveram um sonho semelhante: Todas as cadeiras da sala onde Bates iria pregar estavam ocupadas – todas menos uma. No sonho, precisamente

quando ele estava a abrir a sua Bíblia para pregar, a porta da sala abriu-se e uma rapariga – Annie – sentou-se na última cadeira.

Na noite seguinte, quando estava a caminho da reunião, Annie perdeu-se no caminho e o seu sonho tornou-se realidade, pois ela entrou na sala e sentou-se na última cadeira. Quando os sonhos de Bates e de Annie foram partilhados, ela ficou profundamente emocionada pelo ocorrido. Pouco tempo depois, Annie aceitou a fé Adventista.

Em 16 de setembro de 1851, apenas algumas semanas após Annie ter estado presente na reunião dirigida por Bates, foi publicado na *Review and Herald* um poema seu intitulado “Não temas, pequeno rebanho”. Tendo ficado impressionado, James White, o editor da revista, insistiu para que Annie viesse até Nova Iorque, para trabalhar como revisora da *Review*.



Annie hesitou em aceitar a proposta, explicando a James White que o problema que ela tinha nos olhos a impedia de fazer um tal trabalho. Enquanto estudava Arte no Seminário, Annie tinha esforçado os seus olhos, pelo que, oito meses após ter realizado um esboço a lápis da cidade de Boston, ela fizera saber que mal conseguia ver. No entanto, acabou por decidir desistir do seu sonho de obter sucesso como artista, aceitou a oferta de James White e mudou-se para Rochester.

### **Uma nova realidade**

O trabalho nem sempre era fácil. A conjuntura económica era difícil e o movimento do Advento era frequentemente ridicularizado e criticado. Nos três anos seguintes, Annie trabalhou diligentemente para a *Review* e acabou por lhe ser confiada a responsabilidade total

pela edição da revista quando os White estavam fora. Ela continuou a usar as suas capacidades criativas para publicar 45 obras, entre hinos e poemas, três das quais permanecem no hinário americano até hoje: “How Far From Home” (“Quão longe do lar”), “I Saw One Weary” (“Eu vi um que estava fatigado”) e “Long Upon the Mountains” (“Longamente sobre as montanhas”).

Algumas partes da história de Annie Smith ainda estão mal delineadas e, embora sejam prováveis, não são inteiramente claras. Embora a sua dedicação ao movimento do Advento fosse forte, o afeto que Annie sentia por John Nevins Andrews terminou num amargo desapontamento. Andrews vivia em Rochester durante o período de tempo que Annie estava a trabalhar na *Review* e existem alguns indicadores que sugerem que ela tinha a esperança de partilhar com ele o futuro. Inexplicavelmente, em vez disso, Andrews optou por conceder a sua afeição a Angeline Stevens e deixou Annie com o coração partido.

“O desapontamento de Annie custou-lhe a vida”, escreveu Ellen G. White numa carta a Andrews. Em novembro de 1854, Annie regressou a casa depois de ter contraído tuberculose. A esperança brilhou para ela sob a forma de cuidados de hidroterapia numa clínica vizinha, mas rapidamente se apagou quando os sintomas de Annie se agravaram.

Quando se tornou claro que a sua vida não ia durar muito mais, Annie colocou os seus olhos sobre um alvo final: Compilar um livro com os seus poemas. O seu irmão, Uriah Smith, que nessa altura era também um editor da *Review and Herald*, regressou a casa para auxiliar na publicação do seu livro. Ela viveu mais 10 dias após a conclusão da compilação da obra. Como tributo em memória da sua

irmã, Uriah desenhou e gravou a sua flor favorita, uma peónia, para a página de rosto do livro.

A mãe de Annie relatou a morte da sua filha num diário, descrevendo uma Annie cheia de paz que, ao mesmo tempo, olhava corajosamente a morte nos olhos, sem temor. “O Céu está aberto”, exclamou Annie. “Eu erguer-me-ei na primeira ressurreição.”

### **Impressões duradouras**

Aos 27 anos Annie Smith tinha vivido uma vida de calma, mas genuína, dedicação à sua fé. Os seus poemas e hinos suportaram o passar dos anos e proveem-nos uma janela sobre o passado de um movimento que era conduzido sobretudo por jovens: Dias de dificuldades, sacrifício e empenho em favor de uma Causa que era maior do que aqueles que a promoviam. Mesmo na sua tristeza por causa de um coração quebrado, ela continuou o seu trabalho em prol do bem da Causa. A sua vida é um exemplo brilhante de alguém que foi pioneira no serviço, abrindo o caminho para que nós pudéssemos fazer avançar a Missão: Contar aos outros sobre Cristo e preparar a nossa viagem rumo ao Lar.

Não estamos longe do lar! Oh, bendito pensamento!

Animar o coração solitário do viajante;

Ao qual frequentemente trouxe um bálsamo restaurador,

E secou as lágrimas do enlutado.

Então não chores mais, pois iremos nos encontrar

Onde pegadas cansadas nunca vagueiam.

As nossas lutas passadas, a nossa alegria completa,

Salvos no Lar do nosso Pai. ✨

• **Erica Richards**

*Estudante universitária*

# As cartas às sete igrejas: Históricas ou proféticas?

Faz sentido a interpretação historicista de que as sete igrejas do Apocalipse representam todo o curso da história da Igreja dividido em sete períodos históricos?<sup>1</sup> Que estas cartas foram, em última análise, endereçadas para todos os crentes torna-se claro pela admoestação no final de cada carta: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”<sup>2</sup> Se estas cartas são para todos os crentes, por que razão importaria saber se as sete igrejas representam ou não sete períodos proféticos? Uma pergunta ainda mais criadora de perplexidade é esta: Por que razão aparentaria Jesus dar todas as indicações de que Ele ditou estas cartas para congregações cristãs reais na Ásia Menor, se Ele realmente tinha a intenção de que as cartas fossem compreendidas de modo bastante diferente, isto é, como descrições proféticas da Igreja ao longo da História?

Do ponto de vista historicista, estas cartas não poderiam ser realmente compreendidas senão

após terem passado centenas de anos, não sendo compreendidas durante o tempo histórico que elas descrevem. Mas, não seria esta posição uma leitura projetiva da História na Bíblia, em vez de se aceitar aquele que parece ser o sentido óbvio do texto? Estas objeções à interpretação historicista precisam de ser tomadas seriamente, dado que elas sugerem como preferível uma interpretação preterista, segundo a qual os primeiros capítulos de Apocalipse, senão mesmo todo o livro, se aplicam apenas às igrejas do primeiro século.

Primeiro, vamos ver se estas cartas foram concebidas para serem ou não lidas como outras cartas que se encontram no Novo Testamento. Em seguida, iremos ver algumas pistas textuais que parecem sugerir que as cartas devem ser lidas profeticamente. Finalmente, iremos discutir se estas cartas devem ou não ser lidas, primeiramente, como um retrato profético da Igreja, em vez de serem lidas como cartas comuns

enviadas às igrejas da Ásia Menor dos dias de João.

## Como outras cartas do Novo Testamento?

O capítulo de abertura de Apocalipse descreve a aparição de Jesus a João, em visão, na ilha de Patmos; Jesus ordena-lhe que escreva o que estava prestes a ver às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia (Apoc. 1:11). Mesmo se as cartas endereçadas a estas igrejas apenas ocupam dois capítulos (Apoc. 2 e 3), Jesus realmente endereça-lhes todo o livro (Apoc. 1:4; 22:16). Assim sendo, se restringimos a aplicação destas cartas à realidade das igrejas locais da Ásia Menor, porque não restringir de modo semelhante todo o livro de Apocalipse? O falhanço em reconhecer a existência desta ligação de Apocalipse, como um todo, com as sete igrejas é um problema óbvio da aplicação estritamente literal de Apocalipse 2 e 3.

Um estudo cuidadoso do texto mostra que estas cartas não são

cartas vulgares e que elas nem se podem comparar com as outras cartas inspiradas do Novo Testamento. Em primeiro lugar, diferentemente das epístolas do Novo Testamento, que foram escritas pelos apóstolos, as cartas no Apocalipse não vêm de João, mas do próprio Jesus, como o versículo inicial de cada carta torna claro. Em harmonia com as antigas práticas epistolares, cada carta começa por identificar o respectivo autor; mas, ao contrário das epístolas do Novo Testamento, Jesus identifica-Se como sendo o Seu autor, ao usar na sua apresentação a linguagem apocalíptica empregue na anterior descrição d'Ele feita por João; Ele liga assim, estreitamente, as cartas à visão de abertura do livro (Apoc. 2:1, 8, 18; 3:1, 7, 14; cf. 1:9-20). Em segundo lugar, Jesus *dita as cartas* a João, dizendo-lhe, no começo de cada carta, para “escrever” e usando fraseologia em grego que enfatiza a Sua origem e autoridade divinas.<sup>3</sup> Por causa disto, alguns teólogos até se referem a estas cartas como sendo “oráculos proféticos”, de modo a distingui-las das epístolas do Novo Testamento.<sup>4</sup>

Estudiosos de origens denominacionais diferentes têm, desde há muito, reconhecido que as cartas às sete igrejas concernem algo mais do que apenas assuntos locais. Como observa um comentador, a estrutura fixa e a simetria das cartas “traem um propósito que vai para além da instrução ética a sete igrejas particulares na província romana da Ásia”.<sup>5</sup> Além disso, o conteúdo mostra que as cartas dizem respeito a mais do que apenas à congregação em questão, na medida em que partilham vários temas em comum.

O desejo de Jesus de criar uma relação estreita com a Sua Igreja é um desses temas. A igreja de Éfe-

so deixou o seu primeiro amor (Apoc. 2:4), sendo esta expressão uma reminiscência de como os profetas clássicos descrevem o afastamento de Deus por parte de Israel (e.g., Jer. 2:2; 3:1; Ose. 2:12-15). Jesus assegura à igreja em Esmirna que Ele conhece os seus sofrimentos e a sua pobreza e encoraja-a a ser fiel até à morte (Apoc. 2:9 e 10; cf. 1:5). Os que estão em Pérgamo são elogiados por “reterem” firmemente o nome de Cristo e não negarem a sua fé n'Ele (Apoc. 2:13). Jesus elogia Tiatira pelo seu amor, fé, e serviço para com Ele e reprova-a por tolerar Jezabel, a qual afasta d'Ele muitos crentes para práticas idólatras (Apoc. 2:19 e 20). Aqueles que em Sardes não sujaram as suas vestes podem antecipar que andarão com Jesus de branco (Apoc. 3:4). A igreja de Filadélfia tem um laço especial com Jesus, porque ela não negou o Seu nome e guardou a palavra da Sua paciência. Jesus também diz daqueles que não têm um tal

relacionamento com Ele: “Eles saberão que eu te amo!” (Apoc. 3:8 e 9). Em contraste com isto, a igreja de Laodiceia continua na sua atitude morna para com Jesus (Apoc. 3:16). No entanto, Ele bate à porta e espera, ansiando por uma relação mais profunda e mais estreita com o Seu povo (Apoc. 3:20).

Outro tema importante é a genuinidade da profissão de fé dos crentes. Várias cartas referem-se às falsas pretensões de alguns quanto a serem apóstolos ou Judeus (Apoc. 2:2, 9; 3:9). A Jezabel de Tiatira chama-se a si mesma profetisa, mas desencaminha a igreja. E então vem um aviso mais geral: “E todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações; e darei a cada um de vós segundo as vossas obras” (Apoc. 2:23). Quanto a Sardes, ela tem o nome de quem está viva, mas, de facto, está morta (Apoc. 3:1). O pior de tudo é que Laodiceia, estando autoiludida, pensa ser rica e não ter necessida-



de de nada, não se reconhecendo como sendo, de facto, pobre e necessitada de tudo, até mesmo de roupas (Apoc. 3:17). Relacionada com a necessidade de genuinidade da fé está a preocupação de Jesus com os falsos mestres, incluindo Balaão, os Nicolaítas, Jezabel e aqueles que se concentram sobre “as profundezas” de Satanás (Apoc. 2:14 e 15, 20, 24). Em contraste com isto, os seguidores de Cristo devem ser como Ele – testemunhas fiéis (Apoc. 2:13; 3:14).

Estes temas de relacionamento, de genuinidade de profissão de fé e de apresentação de um testemunho fiel podem ser vistos como aplicando-se em todos os lugares e em todos os tempos, e não apenas a uma igreja particular do primeiro século. Ao mesmo tempo, claro está, estas cartas também detiveram um significado histórico para as igrejas específicas nestes locais, dado que as cartas mostram claramente possuir um conhecimento da História, Topografia e Economia dessas cidades e utilizam essa informação para abordarem as necessidades dos Cristãos aí presentes. Mas, não poderiam estas cidades e as suas características terem também uma finalidade simbólica, como muito do resto do livro de Apocalipse?

### **Apenas histórico ou também profético?**

Uma leitura cuidadosa de Apocalipse sugere que as sete igrejas têm um significado que vai para além da aplicação local a congregações que há muito desapareceram. Em Apocalipse 1:19 Jesus ordena a João que escreva o que ele viu (uma referência clara à visão que João teve de Jesus nos vv. 11-16), bem como “as coisas que são e as que, depois destas, hão de acontecer.” Isto sugere ostensivamente que estas car-

tas têm a ver com a condição das igrejas, *simultaneamente*, nos dias de João e no futuro. A confirmação disto pode ser vista na explícita indicação de sequência no capítulo 4. Jesus, depois de ter terminado de ditar as cartas às igrejas, leva João, numa visão, da Terra ao Céu e começa a revelar-lhe “o que, depois destas coisas, há de acontecer” (Apoc. 4:1). Neste ponto do livro, a atenção muda do foco no presente e no futuro para uma focagem centrada exclusivamente no futuro.

O livro de Apocalipse pode ser lido como compreendendo duas visões principais, cada uma das quais contém mensagens proféticas de Jesus.<sup>6</sup> A primeira visão, passada na Terra, mostra Jesus a caminhar entre os sete castiçais, simbolizando as sete igrejas (Apoc. 1:12 e 13, 20) e ditando a João mensagens para estas igrejas (Apoc. 2:1-3:22). A segunda visão, passada no Céu, parece mostrar o envolvimento do Céu nos acontecimentos na Terra que afetam a Igreja: o Cordeiro a abrir os sete selos, anjos que permanecem diante de Deus para tocarem as sete trombetas, e anjos vindos do templo celeste para derramarem as sete taças da ira de Deus sobre a Terra. O clímax do livro descreve a reunião física de Deus com o Seu povo. O solene pronunciamento pelo Alfa e o Ómega – “Está realizado” – marca o fim da separação entre o Céu e a Terra, causada pelo pecado.<sup>7</sup> Sendo este o único momento, na porção visionária de Apocalipse, em que o Alfa e o Ómega fala, convém sublinhar a importância deste versículo para o desenvolvimento da narrativa. O objetivo para que tende todo o livro é, aqui, finalmente realizado.

Ver-se o livro de Apocalipse como sendo constituído por duas visões principais, que descrevem

a obra divina de reunir o Céu e a Terra, sublinha a pretensão feita desde o início de que o livro é uma revelação de Jesus Cristo (Apoc. 1:1). Também nos ajuda a reconhecer que as cartas às sete igrejas, com o seu apelo repetido à escuta e à compreensão, têm a intenção de não apenas encorajar, mas também de preparar os leitores para compreenderem os capítulos 4-22.<sup>8</sup>

### **O carácter apocalíptico das cartas**

A proeminência dada a estas cartas, em termos da estrutura global do livro, bem como o facto de que elas constituem a primeira série das sete séries de setes do Apocalipse, sugere que elas também podem ter um significado profético. Tal como com os selos, as trombetas e as taças, no caso das igrejas o número sete aponta para a existência de uma totalidade, não apenas geograficamente, mas também temporalmente.<sup>9</sup> Existiam outras igrejas, e igrejas que eram mais proeminentes, na Ásia Menor do tempo de João, tais como Troas, Mileto, Colossos e Hirapolis, para nomear apenas umas quantas delas (Atos 20:6, 17; Col. 1:2; 2:1; 4:13). No entanto, considerando-se as sete igrejas mencionadas em Apocalipse 2 e 3, é notório que aquela que se pode argumentar ser a menos significativa delas, Tiatira, tem uma carta mais longa do que qualquer uma das outras. Além disso, a ordenação quiástica das sete cartas empresta ainda mais credibilidade à noção de que elas eram destinadas a uma aplicação mais ampla.<sup>10</sup>

Mais significativo, o facto de que as imagens e ideias apocalípticas permeiam cada carta leva o leitor a suspeitar de que se pretende que as próprias igrejas sejam também compreendidas

simbolicamente e que as cartas, como o resto do livro, devem ser interpretadas como profecia apocalíptica. Cada carta começa com expressões linguísticas tiradas da visão inicial de Jesus no capítulo 1, o que, em si mesmo, relembra a linguagem apocalíptica de Daniel (7:9, 13; 10:5-12). As imagens no corpo das cartas, tais como os castiçais serem removidos, a espada sair da boca de Jesus, o maná escondido, novos nomes, Jezabel, a vara de ferro, a estrela da manhã, vestimentas brancas, ouro, colírio, portas abertas e fechadas, são claramente simbólicas. Um estudo cuidadoso destes símbolos revela uma ligação íntima com (e prepara os leitores para entenderem) os capítulos posteriores largamente aceites como sendo apocalípticos.

### **Um retrato profético da Igreja**

Ver as cartas às sete igrejas como sendo apocalípticas e aplicáveis à Igreja até ao fim dos tempos abre a possibilidade de elas serem tratadas, não apenas como históricas, mas também como *proféticas*. Isto significa que a sua mensagem, dado que o propósito primário da profecia preditiva é fortalecer a fé, torna-se especialmente relevante para o tempo do fim (João 13:19). Muitos intérpretes cristãos ao longo dos séculos compreenderam estas cartas como profetizando sobre a condição da Igreja em eras sucessivas, do primeiro século até ao fim do tempo, e alguns hoje continuam ainda a compreendê-las assim.<sup>11</sup> Nos confins limitados deste artigo é possível apenas esboçar em pinceladas largas algumas das características destas cartas que ilustram a correção de as aplicarmos profeticamente. Estes capítulos merecem mais estudo posterior segundo estas linhas.

As cartas começam com a descrição de uma experiência de “primeiro amor”, ajustando-se bem à era apostólica, mas diminuído já esse amor no tempo em que o apóstolo escreveu. E elas concluem com uma visão de abundância materialista tão característica da Igreja na era moderna. É interessante que é apenas na carta a Éfeso, que encabeça a lista, que encontramos menção a pessoas reclamando serem apóstolos (Apoc. 2:2), um problema específico da Igreja do primeiro século evidenciado por referências de outros escritos do Novo Testamento.<sup>12</sup> A perseguição descrita em conexão com Esmirna enquadra-se bem na perseguição de Roma aos Cristãos nos primeiros séculos,<sup>13</sup> que foi seguida pela assimilação da cultura pagã romana pelo Cristianismo,<sup>14</sup> assimilação refletida evidentemente nas tendências sincréticas que afetavam Pérgamo e Tiatira. A carta a Tiatira, notável pela extensão, enquadra-se bem no longo período de domínio da Igreja durante a Idade Média. Como contraponto a este domínio, ao vencedor em Tiatira é prometido que *regerá as nações*. É significativo que nesta carta nós ouvimos pela primeira vez falar de “fé” e de “amor” e de que as últimas obras de Tiatira excedem as primeiras – uma descrição que encaixa bem no começo da Reforma (Apoc. 2:19). Além disso, também é neste ponto da série de cartas que nós vemos um “remanescente” começando a formar-se (Apoc. 2:24). No entanto, quando chegamos a Sardes, as reformas foram proteladas e parecem estar quase mortas.<sup>15</sup>

Finalmente, os nomes com que Jesus Se descreve às igrejas de Filadélfia e de Laodiceia, em vez de apontar para trás, para o capítulo 1, apontam para diante, para o Juízo e para o Segundo Advento.

Em conexão com a carta a Filadélfia, a descrição de Jesus como “Santo” e “Verdadeiro” é estreitamente comparável com a descrição d’Aquele a Quem os mártires sob o altar clamam por vingança no quinto selo (Apoc. 6:10). A “chave” e a “porta aberta”, aludindo a Isaías 22:22, são referências manifestas ao ministério intercessório de Jesus,<sup>16</sup> já sugeridas pela descrição de Jesus vestido como sacerdote a caminhar entre os castiçais do santuário (Apoc. 1:13; cf. Êxo. 25:31-35; Lev. 24:4; I Reis 7:49; Heb. 9:2). Para Laodiceia, Jesus está à porta, “o que significa em linguagem do Novo Testamento que o fim está próximo (Mat. 24:33; Mar. 13:29),”<sup>17</sup> e a refeição de comunhão aponta para a ceia das bodas do Cordeiro (Apoc. 19:7-9). A descrição de Jesus como “fiel e verdadeiro” (ambos os termos conotados pela palavra hebraica “*Ámen*”) compara-se similarmente com a descrição d’Aquele que vem num cavalo branco para julgar justamente e fazer a guerra (Apoc. 19:11). Muitos exemplos, como estes mencionados em relação com Laodiceia, demonstram a ligação próxima que existe entre as imagens apocalípticas das cartas e os capítulos posteriores de Apocalipse. Às vezes, a relação surge através de um contraste: O período da igreja de Laodiceia corresponde ao período do “remanescente” de Apocalipse 12:17. Compreender Apocalipse 2 e 3 como um retrato profético da Igreja visível de Deus ao longo da História provê um auxílio interpretativo para os capítulos posteriores. Assim, a imagem final do remanescente fiel deve ser contrabalançada pela imagem humilhante de Laodiceia cega e nua.

Apesar desta perceptível progressão das sete igrejas em direção a uma focagem crescente so-

bre o tempo do fim, a perspectiva do eminente regresso de Jesus, própria do primeiro século, continua a figurar através delas de algum modo. A ênfase sobre a proximidade do Segundo Advento é já preparada na visão inaugural. Em Apocalipse 1:17, Jesus diz: “Eu sou o Primeiro e o derradeiro.” E, do mesmo modo, em Apocalipse 22:12 e 13, Ele diz: “Eis que cedo venho, [...] Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro.”

As próprias cartas referem-se várias vezes à “vinda” de Cristo e, no entanto, não dão qualquer pista sobre *quando* se poderá dar essa vinda ou, mesmo, *quão em breve* ela poderá acontecer (Apoc. 2:5, 16, 22 e 23; 3:3, 11). O livro de Apocalipse sustenta, de modo bastante definido, que ela se dará dentro de pouco tempo (1:1; 22:6), proximamente

(1:3; 22:10) e em breve (2:16; 3:11; 22:7, 12, 20). Ao mesmo tempo, o fim é apenas contemplado em conexão com o regresso de Cristo, nunca antes.

### Conclusão

As cartas às sete igrejas são distintivamente diferentes das epístolas do Novo Testamento por procederem do próprio Jesus e, quando vistas em grupo, por apresentarem uma estrutura estilizada, uma simetria quíastica e temas universalmente aplicáveis. Estas características sugerem que as cartas dizem respeito a mais do que apenas a assuntos de mero interesse local para umas poucas igrejas locais. O número sete também sugere abrangência em termos do seu alcance e da sua aplicação. Quando comparadas com as subsequentes séries

de setes na primeira metade do livro, isto é, os selos e as trombetas, os quais culminam ambos com o fim do mundo, existem todas as razões para se compreender as sete igrejas de modo semelhante. Além do mais, o facto de que as cartas estão permeadas de símbolos e ideias apocalípticas dá-nos razão para concluirmos que, como o resto de Apocalipse, estes capítulos podem ter sido designados para serem também proféticos. O próprio Jesus parece sugerir para eles uma aplicação futura, a par da aplicação ao tempo presente (Apoc. 1:19). Uma breve comparação das cartas com a história da Igreja confirma esta sugestão. ♣

### • Clinton Wahlen

Professor de Literatura e Interpretação do Novo Testamento

1. Jon Paulien, “The End of Historicism? Reflections on the Adventist Approach to Biblical Apocalyptic – Part One”, *Journal of the Adventist Theological Society* 14, 2003, 15-43, fala de um “consenso em desenvolvimento”, numa das reuniões da Comissão de Daniel e Apocalipse, de que Apoc. 2 e 3 “leem-se mais naturalmente segundo as linhas das epístolas do Novo Testamento” (39 n. 123). Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002, 117, 121, acena afirmativamente à tradição historicista na sua interpretação de Apoc. 2 e 3, mas usa linguagem não empenhada (e.g., “aqueles que procuram aplicar...”, “poder-se-à ver...”). Para um estudo mais profundo deste tópico veja Clinton Wahlen, “Heaven’s View of the Church in Revelation 2 and 3”, *Journal of Asia Adventist Seminary* 9/2, 2006, 145-156.
2. Apoc. 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22.
3. A *Septuaginta* usa a fraseologia impressionante *tade legei* (Apoc. 2:1, 8, 12, 18; 3:1, 7, 14; cf. Atos 21:11) para anunciar os oráculos proféticos com as palavras “Assim diz o Senhor”.
4. A. Feuillet, *The Apocalypse*, trans. Thomas E. Crane, Staten Island, NY: Alba House, 1965, 48-49; J. Ramsey Michaels, *Interpretation of the Book of Revelation*, Grand Rapids: Baker, 1992, 35, cf. 52; G. K. Beale, *John’s Use of the Old Testament in Revelation*, *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series* 166, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, 303-304.
5. Robert H. Mouce, *The Book of Revelation*, New International Commentary on the New Testament 17, Grand Rapids: Eerdmans, 1977, 84; cf. com o reconhecimento por Richard Bauckham, *The Theology of the Book of Revelation*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 16 e 17, de que as cartas dirigem-se a contextos representativos que Cristãos,

- em períodos posteriores, acharam que se aplicavam também à Igreja do seu tempo.
6. Não existe um consenso quanto à estrutura geral do livro (Stefanovic, *Revelation*, 25). Para os detalhes do esboço proposto aqui veja-se Wahlen, 147-149; Richard Sabuin, “Repentance in the Book of Revelation”, PhD diss., Adventist International Institute of Advanced Studies, Silang, The Philippines, 2006, 54-61.
  7. Tradução pelo autor. O Alfa e o Ômega também fala uma vez na introdução (Apoc. 1:8) e uma vez na conclusão (Apoc. 22:13).
  8. Assim o afirma W. Popkes, “Die Funktion der Sendschreiben in der Johannes-Apokalypse. Zugleich ein Beitrag zur Spätgeschichte der neutestamentlichen Gleichnisse”, *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche* 74, 1983, 90-107; cf. Beale, *John’s Use*, 312, que liga a fórmula de audição com as “parábolas visionárias” dos capítulos 4-21.
  9. E. g., Beale, *John’s Use*, 302. As trombetas são, ao longo da História, o que os juízos das taças são no fim do tempo; as trombetas são uma antecipação e um pré-aviso das sete últimas pragas (Stefanovic, *Revelation*, 39).
  10. Vários estudos têm identificado temas espalhados num padrão quíastico pelas sete cartas. E. g., Robert L. Muse, “Revelation 2-3: A Critical Analysis of Seven Prophetic Messages”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 29, 1986, 147-161, encontra um padrão que podemos resumir como ABAAABA (A significando “aviso de juízo” e B “promessa de salvação”); Beale, *John’s Use*, 303, vê a condição das Igrejas descrita num padrão ABCCBA. Sabuin, *Repentance*, 112, nota que o apelo ao arrependimento nas sete cartas se conforma com um quiasmo (R-R R<sup>3</sup> R-R).
  11. E.g., Jacques B. Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes*, Hagerstown,

- MD: Review and Herald, 2002, 29-48; James L. Boyer, “Are the Seven Letters of Revelation 2-3 Prophetic?” *Grace Theological Journal* 6, 1985, 267-73.
12. Veja II Cor. 11:5, 13; 12:11 e 12; cf. Mat. 7:15; Gál. 2:4; II Ped. 2:1; I João 4:1.
  13. Embora tivesse períodos de maior ou menor intensidade, a perseguição era persistente no segundo e terceiro séculos, culminando “na mais severa das perseguições, sob Diocleciano, desde 303 até completar uma década”. Veja Henry Chadwick, “The Early Christian Community”, in *The Oxford History of Christianity*, ed. John McManners, Oxford: Oxford University Press, 1993, 21-69, especialmente 47 e 48.
  14. Robert A. Markus, “From Rome to the Barbarian Kingdoms”, in *The Oxford History of Christianity*, 70-100, especialmente 73 e 74; cf. 79: “O quarto e quinto séculos assistiram à plena romanização do Cristianismo e à cristianização da sociedade romana”.
  15. O período que rodeia a Reforma é extremamente complicado, como o faz notar o tratamento cuidadosamente matizado de Patrick Collinson (veja “The Late Medieval Church and its Reformation” in *The Oxford History of Christianity*, 243-276). O Protestantismo rapidamente estabeleceu as suas próprias confissões doutrinárias, que serviram para trazer coerência e consenso à anterior confusão e para esmagar o desvio teológico e o separatismo. *Ibidem*, 273.
  16. A antiga tradução aramaica de Isaías, conhecida como o *Targum* de Isaías, torna isto explícito na sua “tradução interpretativa” de Isaías 22:22: “E eu colocarei a chave do santuário e a autoridade da Casa de David na sua mão; e ele abrirá, e ninguém fechará; e ele fechará, e ninguém abrirá” (Bruce D. Chilton, *The Isaiahs Targum: Introduction, Translation, Apparatus and Notes*, The Aramaic Bible 11, Wilmington, DE: Glazier, 1987, 44).
  17. Doukhan, *Secrets*, 44.

# A LONGA CAMINHADA PARA A LIBERDADE

Fotografia: menelikeducation.info

**N**elson Mandela foi um dos verdadeiros heróis do século XX. Tendo sido criado num ambiente rural, ele lutou para se tornar advogado e envolveu-se na luta para libertar o seu país – a África do Sul – do sistema do *Apartheid*, um sistema legal que separava pela força as pessoas de diferentes cores e raças.

O trabalho de Mandela com o Congresso Nacional Africano e a sua liderança no seio da comunidade negra chamou a atenção do Governo da minoria branca. Ele passou alguns anos a viver e a viajar em segredo, tentando passar despercebido pelas autoridades.

Inevitavelmente, Mandela foi preso, julgado por traição e condenado a prisão perpétua. Ele foi enviado para fazer trabalho forçado na prisão de Robben Island. Durante os 27 anos que passou ali, Mandela tornou-se num líder ainda mais poderoso e num símbolo da luta pela igualdade e pela liberdade na África do Sul.

No final dos anos 80, Mandela começou a negociar secretamente com o Governo branco da África do Sul, correndo um grande risco pessoal. Estas delicadas conversações levaram à libertação de Mandela da prisão no início dos anos 90, à reforma do sistema político da África do Sul e às primeiras eleições livres na história moderna daquele país africano. Mandela foi eleito como primeiro presidente negro da África do Sul nessas eleições.

Como em todas as histórias humanas, existem altos e baixos, mas o compromisso de Mandela com a possibilidade de uma transição pacífica para uma democracia que reconhecesse os direitos da maioria negra é um exemplo inspirador de uma nobre luta contra um obstáculo aparentemente intransponível. Foi necessária uma grande batalha para que se pudesse reclamar aquilo a que Mandela e o seu povo consideravam ter direito.

Ao refletir sobre a jornada da sua vida na sua autobiografia, Mandela comentou: “Eu caminhei ao longo daquela estrada para a liberdade. Tentei não vacilar; dei alguns passos em falso ao longo do caminho. Mas descobri um segredo: Após se escalar uma grande montanha, percebe-se que há muitas mais montanhas para escalar. Eu tomei um momento para descansar aqui, para contemplar a paisagem gloriosa que me rodeia, para olhar para trás de modo a ver a distância percorrida. Mas posso descansar apenas por um momento, pois com a liberdade vêm as responsabilidades, e eu não ousou permanecer aqui, pois a minha caminhada ainda não chegou ao fim” (Nelson Mandela, *Long Walk to Freedom – The Autobiography of Nelson Mandela*, London: Little, Brown and Company, 1994, p. 617). Nelson Mandela morreu a 5 de dezembro de 2013. ♣

Retirado da revista Guide

MESES	DATA	ATIVIDADE	
JANEIRO	09-11	Semana de Reavivamento	
	10	Culto Especial Nacional	
	24	*Dia da Liberdade Religiosa	
	24	Formação Escola Sabatina R.E. Norte	
	24	Formação Diaconato R.E. Lisboa e Vale do Tejo na igreja Central	
	31	Formação Escola Sabatina R.E. Lx e Vale do Tejo (Margem Norte)	
FEVEREIRO	01	Encontro de Anciãos R.E. Norte no CAOD	
	01	Formação na Área da Família, M. Mulher e M. da Criança – R.E. Norte no CAOD	
	07-14	*Semana da Família	
	07	Formação Esc. Sabatina R.E. Alentejo	
	08	Encontro de Anciãos da R.E. Centro na igreja de Coimbra	
	13-15	Formação Esc. Sabatina R.E. Lx e Vale do Tejo (Margem Sul)	
	14	*Dia da Família e Lar Cristão	
	14 e 15	Escola de Formação JA-Nível I / Norte e Centro	
	14-16	Encontro de Pessoal Não Docente da REASD	
	15	Encontro Regional de Anciãos R.E. Lisboa e Vale do Tejo na igreja Central	
	21	Encontro de Anciãos da R.E. Alentejo e Algarve na igreja de Albufeira	
	21 e 22	Escola de Formação JA-Nível I / Lisboa e Sul	
	28	Encontro Delegados da ADRA	
	28	Formação Diaconato R.E. Norte na Igreja do CAOD	
	MARÇO	07	*Dia Internacional de Oração da Mulher
		14-21	Semana de Oração JA
20-22		Formação Esc. Sabatina R.E. Algarve (Sotavento)	
21		Dia Global da Juventude	
28		Formação Diaconato R.E. Centro na igreja de Coimbra	
ABRIL	01-05	Congresso Nacional de Jovens	
	01-05	Encontro de Profissionais de Saúde	
	04	Dia de Jejum e Oração	
	11	Dia das Visitas da Escola Sabatina	
	11-13	Formação Ministério Pessoal – Região Eclesiástica Centro (Beira Alta)	
	18	Distribuição Nacional do Livro Missionário	
	25	*Dia da Educação	
MAIO	01-10	Campanha da ADRA	
	03	Conselho Nacional de Educação	
	16-23	Campanhas Locais de Saúde/Bíblia	
JUNHO	05-07	Colóquio sobre a Violência, R.E. Norte	
	06	*Dia dos Cursos por Correspondência	
	13	*Dia Internacional dos Ministérios da Mulher	
	14	*Excursão dos 60+	
JUN.	20	Halal Festival	
	28/06-31/07	Projeto de Colportagem Jovem	
JULHO	02-05	Acampamento LOGOS	
	04	Dia de Jejum e Oração	
	09-12	ACNAC Rebentos	
	19/07-25/08	Formação de Promotores de Saúde	
	19-26	ACNAC TIÇÕES	
AGOSTO	20	Encontro de Docentes da Rede Escolar Adventista	
	31/07-09/08	IMPACTO	
	02-11	ACNAC Famílias	
	03-09	Camporee Internacional de Desbravadores	
SETEMBRO	12-23	ACNAC Companheiros e Seniores	
	23-30	ACNAC Desbravadores	
	04-06	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança	
	05	*Dia de Sensibilização contra o Abuso e a Violência	
	18-20	Formação Ministério Pessoal – Região Eclesiástica Sul (Barlavento)	
	19	*Dia do Desbravador	
	19 e 20	Escola de Formação JA-Nível II / Norte e Centro	
	26	Dia das Visitas da Escola Sabatina	
	26 e 27	Escola de Formação JA-Nível II / Lisboa e Sul	
	OUTUBRO	03	Dia de Jejum e Oração
10		Encontros Regionais de Universitários por R.E.	
10		Dia do Pastor	
10-17		Campanha Nacional de Saúde/Bíblia	
15		IV Conferência AIDLR	
17		*Dia dos Ministérios da Criança	
17		Dia do Espírito de Profecia	
23-25		Encontro de Músicos	
23-26		Encontro dos 60+	
24 e 25		Conselho Nacional JA	
NOVEMBRO	07-14	Semana de Oração e Sacrifício	
	08 e 09	Conselho Anual de Fim de Ano	
	22 a 24	Convenção Pastoral	
	28	ROIG Alentejo e Algarve	
	29	ROIG Lisboa	
DEZ.	05	ROIG Centro	
	05	*Dia da Mordomia	
	05	*Dia do Serviço Voluntário Adventista	
	06	ROIG Norte	
	27 a 29	Convenção de Colportores	

\*As igrejas podem realizar esta atividade numa outra data de acordo com o seu respetivo Plano de Ação.



# Depressão

Aprenda a lidar com a depressão, ansiedade e stresse

# 10



## dias para **começar a viver**



## Penela Coimbra



**18 a 27** de janeiro 2015

**Inclui:** Consultas médicas / Consultas de Psicologia  
Massagem / Hidroterapia / E muito mais! ...

**Informações e Inscrição:**  
[info@medicinapreventiva.pt](mailto:info@medicinapreventiva.pt)  
ou 910242362



Associação  
Internacional  
de Temperança



associação portuguesa de  
Medicina Preventiva

# PROJETO ESPERANÇA 2015

LANÇAMENTO > 10 DE JANEIRO DE 2015

ENTREGA 17, 24 e 31 de janeiro



## Saúde & Bem-Estar



Segredos  
que Mudarão  
a Sua Vida

Editores Mark A. Finley e Peter N. LeVell

€0,50

Jesus aproximava-Se das pessoas como Alguém que **lhes queria bem**. Faça o mesmo, em Seu nome, através da oferta de um livro que mudará vidas.



18 de abril de 2015

Participe na **distribuição nacional** do livro missionário!



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA  
Departamento dos Ministérios das Publicações

VIVER +

A SAÚDE